



**UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR**  
**DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA CIVIL E ARQUITECTURA**

**Mestrado Integrado em Arquitectura**



Imagem 1 Autor: Paulo Ferreira Fonte:www.olhares.com

Trabalho realizado por Sara Nunes Pires, N.º 18530, no âmbito dos seus estudos  
conducentes à obtenção do grau de Mestre em Arquitectura

Título

**O espaço existencial e a arquitectura**  
**-contribuições de Norberg-Schulz**

Aluno: Sara Nunes Pires Número:18530

Orientador: Prof. Doutor José A. Domingues

# Índice

Título	Página
Índice.....	I
Índice de imagens .....	II
Dedicatória.....	III
Agradecimentos .....	IV
Frase.....	V
Introdução.....	1
PARTE I – Conceito de “espaço”.....	7
1_ Modelos de “espaço” .....	8
2_ Espaço e lugar .....	26
PARTE II – Existência humana, espaço e arquitectura: Christian Norberg-Schulz.....	43
1_ Pensamento arquitectónico de Christian Norberg-Schulz.....	44
2_ Espaço arquitectónico e a sua interacção com o Homem .....	53
Conclusão .....	66
Referências.....	71
1_ Bibliografia .....	71
2_ Web sites:.....	76
Abreviaturas .....	77
Notas .....	78

## Índice de imagens

Título	Página
Imagem 1 Autor: Paulo Ferreira Fonte:www.olhares.com	1
Imagem 2 Autor: Jorge. <i>Last</i> . Fonte:www.olhares.com	8
Imagem 3 Reinaldo Alves. <i>Solidão</i> . Fonte:www.olhares.com	26
Imagem 4 Luís Caçador. <i>Ficção</i> . Fonte:www.olhares.com	44
Imagem 5 Desenho de Christian Norberg-Schulz. <i>Existence, space &amp; architecture</i> . Pg.33.	53

## Dedicatória

Aos que gostam de mim e aos que não gostam de mim...

Porque nós somos feitos do Mundo e o Mundo é mais  
complexo que nós e um grupo de amigos. O Mundo é o

“Todo” que nos fascina, desilude e constrói.

## Agradecimentos

À família que sempre me apoiou. Que me mostrem  
sempre como é bom matar saudades.

Aos amigos que me relembram sempre o que é sorrir.

Aos meus professores que ao longo dos anos me  
souberam transmitir a vontade de estudar.

Ao Professor Doutor José A. Domingues pelo apoio,  
orientação e incentivo.

## Frase

*The Spanish poet and mystic St. John of the Cross (1542-1591) was kept prisoner by the religious establishment for nine months in 1577. His cell had no windows and he was unable to stand upright. He was frequently tortured which he is known. His poems often speak of love, ecstasy, passage through the dark night, and flying over city walls and mountains.<sup>1</sup>*

Bill Viola. 1995. *Room for St. John of the Cross. Reasons for knocking at an Empty House. Writings 1973-1994.*

Thames & Hudson. pg.116

---

<sup>1</sup> Tradução livre: O poeta e místico espanhol São João da Cruz (1542-1591) foi mantido prisioneiro pelo estabelecimento religioso por nove meses em 1577. A sua cela não tinha janelas e era incapaz de ficar de pé nela. Ele era frequentemente torturado pelo qual ele é conhecido. Os seus poemas, muitas vezes falam de amor, o êxtase, a passagem pela noite escura, e o voo sobre muros da cidade e as montanhas.

## Introdução

O que é ser? O que é pertencer? O que é fazer parte de algo? Somos parte integrante do mundo. Tornamo-nos existência no mundo, Martin Heidegger usa a expressão ser-no-mundo. Não somos sem um mundo onde existir. O mundo é uno, relacional. Só somos se nos relacionarmos com os outros. Somos seres sociais, habitantes num mundo comum. O ser Humano, as coisas, a linguagem, sistematizam-se em comum como um todo relacional. A linguagem converte-se na memória viva dos seres. Surge a partir da existência e a linguagem é a morada do ser. Para Heidegger a linguagem é a marca do ser. O ser Humano deve ser aberto para a questão da existência, para assim poder iluminar e aclarar o entre onde é possível que a relação sujeito-objecto aconteça. O mundo que nos circunda, os objectos, o ser Humano e o tempo. Tudo faz parte do dia-a-dia do homem. Que necessidade há em perceber se somos parte integrante ou continua de um determinado espaço, tempo, ou sociedade? Que parte do ser Humano quer saber isso e para quê? Quão importante é para o homem entender-se a si mesmo? O pensamento humano é algo tão abrangente e completo que acaba por questionar-se acerca de coisas para as quais fomos treinados por imitação da cultura que nos rodeia.

Nesta medida relacional entre o ser Humano e o mundo surge a questão do onde. Afinal, se existimos, existimos onde? Como? É seguindo esta linha de raciocínio, a questão do espaço aparece. Com esta questão parece poder pensarmos que se está a caminhar em direcção a um sentido pertinente. Onde existimos. Assim, a pesquisa sobre o que pode servir de guia em relação ao conceito, e a um entendimento histórico mais profundo acaba por ser necessária. O que pode alcançar através do conceito de espaço? Em que medida o espaço faz parte da existência humana? E da arquitectura? Muitos pensamentos surgiram em relação ao espaço ao longo dos tempos. Desde logo, na antiguidade clássica com Platão. Há o que é considerado por diversos autores como a primeira abordagem filosófica sobre o tema espaço: *chora* (em diálogo Timeu) Por ser tão abrangente em áreas como a filosofia, as ciências exactas e sociais, o desenho, a

psicologia, este tema não foi deixado de lado. Porque será afinal o espaço tão importante? Em que medida o ser Humano necessita deste para crescer pessoal e socialmente? Porque é que a arquitectura necessita cada vez mais de ter a noção total do espaço, ligado às múltiplas disciplinas que se enlaçam no seu conhecimento?

O conceito deste tema – *espaço* – acaba por crescer, e como não poderia deixar de ser, ao sabor da evolução histórica e dos seus acontecimentos físicos e psicológicos. Muitos filósofos e cientistas deparam-se com a necessidade de definir conceptualmente o espaço: Parménides, Platão, Aristóteles, Euclides, Lucrecio, Kant, Descartes, Einstein, Jean Piaget, Martin Heidegger, Kevin Lynch, Merleau-Ponty, Edward T. Hall, Gaston Bachelard, Christian Norberg-Schulz, Dagoberto Frey, Rudolf Schwarz entre outros.

*O discurso arquitectónico apoia-se por vezes no discurso filosófico*<sup>2</sup>.

Christian Norberg-Schulz, em *Existence, space & architecture*<sup>3</sup>, prova que a nível filosófico houve, ao longo dos tempos, abordagens do conceito de espaço que o referem como: o nada imaginado; a imagem corpórea do nada; o espaço desligado da matéria - a noção temporal do espaço. O autor refere que a introdução da geometria (pelo Renascimento italiano) foi algo importante e necessário para o avanço do espaço como algo possível de geometrizar. Ou seja, conseguir passar de forma perfeita a medida real do existente (espaço em perspectiva graças ao olho humano) em três dimensões (x, y, z), para uma superfície a duas dimensões (x, y), mantendo-a correcta. Agora a concepção de projectos em perspectiva é possível através da ajuda da geometria. Também com a Física moderna o espaço atingiu o lugar de grande modelo, sendo o aparecimento e importância da teoria da relatividade de Einstein uma demonstração disso. O espaço-tempo acabou por mudar tudo no mundo até então cheio de regras, preso na perspectiva, na visão geométrica da realidade corpórea. Os diferentes modos de entendimento do conceito de espaço deverão fazer parte da construção do conceito de espaço. Todos eles acabaram por contribuir para a arquitectura e, por isso para o maior e melhor conhecimento desta e da sua relação com o espaço. A diacronia desta noção “espaço”, observar-se-á, que é paulatinamente feita ao longo de séculos, desde a

---

<sup>2</sup> Santiago, Miguel. 2007. *Pancho Guedes – Metamorfoses Espaciais*. Casal de Cambra. Caleidoscópio. Pg.166

<sup>3</sup> Norberg-Schulz, Christian. 1971. *Existence, space & architecture*. London. Praeger publishers, 2ª edição. Pg.9-16

antiga Grécia até aos dias de hoje. Com Parménides os primeiros pensamentos sobre este conceito afirmam que é algo que não existia por não poder ser imaginado, sendo imediatamente negado – em parte - por Leucipo que o considera como uma realidade não corpórea. Com Platão o espaço deixa de assumir um papel não corpóreo, passando a introduzir, então a geometria como ciência do espaço. Aristóteles avança com a teoria do lugar, referenciando a dinâmica entre direcções e as suas propriedades qualitativas. Deste modo já se apontavam os espaços interiores, e exteriores, e os seus objectos como direccionais. Avançando um pouco a nível geométrico, Euclides fala num infinito somado a uma homogeneidade. Este que acabará por apontar para o sistema coordenador ortogonal com Descartes. Lucrecio salienta que será algo ocupado pelos corpos. Kant despega-se da ideia de matéria e toma este tema como uma necessidade básica para o ser Humano se compreender. Com o surgimento da teoria da relatividade há um desinteresse da teoria euclidiana, tomando a questão espaço-tempo a chave da questão. Kant no espaço e no tempo propõe categorias como a unidade, realidade, substância e possibilidade, que acabam por filtrar a experiência.

O ser Humano, como ser relacional, envolve-se com os objectos através da sua percepção e dos seus movimentos. Os movimentos humanos ou a sua estagnidade têm sempre uma relação espaço-tempo. Logicamente o ser Humano chega então a perceber que necessita de respostas a perguntas como: Quando? Por quanto tempo? O que foi este espaço noutros tempos? O ser Humano também não se pode desligar do tempo. Este está presente em todas as suas acções, quer sejam diárias ou, quer tenham acontecido no passado e por isso terem chegado até hoje. Em que medida se deve respeitar o espaço-tempo dos objectos que nos circundam? De que maneira eles contribuem para o nosso espaço-tempo? De que maneira os nossos novos objectos são vinculados ou vinculam?

Em arquitectura, e de acordo com Christian Norberg-Schulz, desde sempre o Homem teve necessidade de responder à sua existência e a tudo o que dele faz parte. Este como ser complexo, busca por diversas manifestações, estímulos, vontades, ânsias uma identidade. Procura por diversas vezes os motivos ou as razões para este tipo de reacções. O interesse pelo espaço tem raízes existenciais. É uma necessidade de descoberta de nós próprios naquele que será o mundo que nos rodeia. É uma necessidade de encontrar significado e ordem para as coisas que vão acontecendo no

nosso meio ambiente, uma necessidade de compreender a comunicação dinâmica dos objectos com que contactamos e estes entre si. A sua relação, orientação, caracteriza o espaço.

Porque é que o espaço faz parte do ser Humano? Christian Norberg-Schulz escreve: “O espaço não é uma categoria de orientação mas sim toda a orientação”<sup>4</sup>. O que é que isto significa? Significa que as acções Humanas têm a ver com aspectos espaciais de orientação e relação dos objectos, relação interior e exterior, longe e perto, separação e união, contínuo e descontínuo. O espaço é *toda a orientação*. Quer dizer que o homem deve entender o espaço como relação entre existências e que a existência Humana deve ser entendida como algo espacial, daí a importância em unificá-los num conceito de espaço de forma indissociável.

Ao tentar, nesta dissertação, relacionar Norberg-Schulz com outros pensadores do espaço surge-nos o nome de Heidegger. Norberg-Schulz valoriza o pensamento do espaço de Heidegger, que também pode ser aplicado à arquitectura de arquitectos como Peter Zumthor, Alvar Aalto, Frank Lloyd Wright, Louis Kahn, Reima Peitilä, Paulo Portughesi, Colin St John Wilson, Steven Holl, Hans Sharoun, etc<sup>5</sup>. O espaço é algo que é inseparável do ser Humano e, conseqüentemente da arquitectura.

O reconhecimento do contributo de Heidegger para a arquitectura do espaço nestes autores ajuda a esclarecer questões sobre o lugar, o habitar, as experiências emocionais e corpóreas. Este contributo moldada as práticas e as críticas de arquitectura ao longo do tempo, partido de textos como *Ser e tempo (1927)*, ou *Construir, habitar, pensar (1954)*, *Poeticamente o homem habita (1954)*. O que é habitar? Em que medida o construir pertence ao habitar? Qual a relação entre a existência do ser Humano e os objectos e os lugares? O espaço envolve o ser Humano e este faz parte dele, envolve o lugar, os objectos. Para Norberg-Schulz a afirmação de Jean Paul Sartre *a existência pertence à essência* é qualificadora do seu projecto de arquitectura e pensamento. Perceber a essência do que rodeia a nossa existência é perceber mais um pouco da nossa existência.

O texto que se apresenta divide-se em duas partes principais, subdividindo-se estas em dois subcapítulos, cada uma. Na primeira parte, o nosso objectivo é dar a

---

<sup>4</sup> *Idem. Ibidem.* pg 9

<sup>5</sup> Sharr, Adam. 2007. *Heidegger for architects*. Nova Iorque. Routledge

conhecer de uma forma geral, o desenvolvimento do conceito de espaço, desde logo, uma resenha histórica sobre o tema que integra vários pensadores. Dar-se-á importância à análise de determinadas teorias ou factos históricos que acabam por retardar, ou fazer avançar, o pensamento Humano no que concerne a temática do espaço. Os modos de observação deste, designadamente nas passagens, em conformidade com os pensamentos do espaço como abstracto para uma sua concepção de existência corpórea e palpável. É ainda objectivo do nosso trabalho, nesta primeira parte, referir a importância da mudança do espaço de experimentação empírica para o espaço existencial, de experimentação filosófica, de reconhecimento do homem e da sua relatividade com a dimensão temporal. Na evolução, observar-se-á que o espaço deixa de ser ideal, canónico, rígido e ligado à percepção da realidade e passa a ser um espaço vivido, acolhedor da existência Humana. Torna-se numa extensão Humana, o espaço é uma projecção do Humano.

A segunda parte do trabalho gira à volta do pensamento de Christian Norberg-Schulz. Neste trabalho, este autor representa a principal hipótese a explorar no que diz respeito à importância do espaço com a arquitectura<sup>6</sup>. Este autor, reconhecido por outros pensadores, trabalha a fundo este tema em diversas obras das quais se destacam: *Intentions in architecture (1965)*, *Existence, space & architecture (1971)* e *Genius Loci (1980)*. São estas obras a base do desenvolvimento deste trabalho. Com a leitura destes textos, explorar-se-á as linhas de aquisição do conhecimento do Humano e do modo de uso desse saber na arquitectura. O autor escreve sobre o raciocínio Humano e o modo de resposta deste perante os objectos, para mostrar a relevância e o modo de existir no espaço. Com o conhecimento dos seus pensamentos, consideramos que podemos vir a perceber porque é que se deve ter em conta o factor Humano na composição arquitectónica. Os modos de movimentação do Humano no espaço, de destaque de conhecimentos, de relevâncias sensíveis, prioridades, são todos eles objectos de análise deste autor. A necessidade de encontrar um espaço e real é o objectivo. O autor destaca como grande ponto central o espaço existencial e, portanto,

---

<sup>6</sup> Em resposta a um desafio feito por parte da Treinal de Arquitectura de Lisboa (2007), Mário Laginha apresenta o álbum "Espaço" do mesmo ano. Ele tenta promover o reencontro da música com a arquitectura. Comunica através da música a sua dinâmica e corporeidade: estruturas regulares e irregulares, linhas contínuas e descontínuas, superfícies planas ou distorcidas, espaço e a ausência de espaço Quero com isto dizer que universo arquitectónico espacial é por vezes mais vasto que o que inicialmente se pensa. Sendo pessoal e absorvente.

uma arquitectura, também, existencial. O seu pensamento, parece, quer abandonar o mimetismo canónico da realidade e passar para a apropriação relacional do ser Humano e o espaço. Nesta medida o espaço existencial é mais abrangente que o lugar. Sendo, portanto, mais completo, também é mais importante para o arquitecto e a sua composição. Será um modo de alcançar a resposta mais plausível na hora de projectar para o ser Humano.<sup>i</sup>

## PARTE I – Conceito de “espaço”

*O espaço pode ter um fim, um limite para além do qual nada mais existe. O conceito de vácuo diz-nos ainda alguma coisa, pois um espaço pode estar vazio, de qualquer maneira na nossa fantasia, mas a nossa força de imaginação é incapaz de aprender o conceito de nada no sentido de ausência de espaço.*

M. C. Echer

*O espelho mágico de M. C. Echer, por Bruno Ernest*

## 1\_Modelos de “espaço”



Imagem 2 Autor: Jorge. Last. Fonte:www.olhares.com

*O espaço é a própria experiência do Homem.*

Pierre Francastel

Ao longo dos tempos o homem foi dando resposta às necessidades humanas do espaço. Começou por ser nómada, mas acabou por mudar essa realidade. Tornou a casa privada e a rua pública. Compreendeu e interpretou áreas. Mas o “espaço” é algo que surge como uma questão controversa e incompleta.

Ainda na Grécia antiga os filósofos quiseram abordar este tema: o espaço. A sua noção surge ainda durante a antiguidade clássica. Uma das noções apresentadas neste sentido foi a de Parménides. Este refere o espaço como um não existente. Esta posição foi levemente mudada por Leucipo, o qual considera o espaço como uma realidade. Descreve o espaço como sendo uma existência não corpórea. Platão, por sua vez, em relação ao espaço introduz a geometria, a qual apelida de ciência do espaço. Em *Timeu* fala do *chora*, do espaço abstracto, eterno, infinito que contem tudo o que é visível e que está a ocupar alguma posição. A concepção platónica do espaço é conhecida por autores como Josep Maria Montaner<sup>7</sup> e Isidro Suárez<sup>8</sup> como um conceito onde o espaço é entendido como infinito e um receptáculo de todo o existente. Aristóteles acaba por considerar o conceito de Platão referente ao espaço e transforma-o. Cria, até, uma certa antagonia entre o conceito de Platão, o espaço ideal/maternal, e o “seu” espaço físico. Com Aristóteles há o reconhecimento de uma concepção do espaço como lugar (*topos*). Neste tem lugar uma delimitação. Um corpo ou um objecto correspondem ao seu próprio limite. Ao ser o somatório de todos os lugares é dinâmico, com propriedades qualitativas de forma heterogénea, com diversas direcções. Este modo primitivo de *espaço pragmático* chega bastante perto de certos conceitos de hoje em dia.

Como não poderia deixar de ser, também as ciências exactas falam sobre este tema abordando-o como uma nova dimensão, uma nova experiência nos seus estudos da realidade concreta. As ciências sociais e humanas tentam encontrar aspectos dentro

---

<sup>7</sup> Montaner, Josep Maria. 2000. Espacio. Em A.A.V.V. Introducción a la arquitectura. Conceptos fundamentales. Barcelona. Edições UPC.

<sup>8</sup> Suárez, Isidro. 1986. *La refutación del espacio como sustancia de la arquitectura*. Santiago de Chile. Editora Escuela de Arquitectura de la Pontificia Universidad Católica de Chile, Documento de Extensión Nº1

o espaço que possam ajudar a evitar problemas sociais e a transformar o espaço inseguro em espaço de segurança<sup>9</sup>.

Para Pitágoras, “o espaço confunde-se com a matéria”. Quase como uma ideia claustrofóbica elabora o mundo como um conjunto ordenado e cuja única lei era a de que o mundo é como uma forma. Todas as coisas eram talhadas a partir de números que talhavam todas as coisas na realidade. As leis matemáticas definiam o mundo. A ideia de infinito e de coisas que não têm fim amedrontam os pitagóricos. Os primeiros filósofos do pensamento pitagórico identificavam o espaço como vazio. Os atomistas Leucipo e Demócrito (século V a.C.), através da sua abordagem fizeram o não-ser uma apelação de espaço, para alterar ou substituir o espaço vazio. Eles verificaram a relação entre átomos materiais e a sua adaptação espacial. Era como uma dualidade em perspectivas diferentes, onde contrastam as dualidades entre cheio e vazio, ser e não-ser. Os atomistas perceberam em geral o espaço como um receptáculo infinito e vazio. O vazio devia ser um espaço sem matéria, nem campo, nem radiação. Quanto ao espaço deveria estar dentro deste vazio, o que mostraria a hipótese de colocar algo no vazio, mas continuando vazio. Afirmavam que tudo era formado por átomos, unidades mínimas indivisíveis, e por vazio. A estrutura do átomo seria feita de vazio. O átomo seria o que é, e o vazio o que não é. Mais uma vez a dualidade. Com Demócrito o átomo é criado a partir de um mundo completamente físico. No entanto, e ironicamente, o átomo que era relacionado com o ser não podia prescindir do não-ser abordado pela metafísica já que imaginava a actividade dos átomos.

Na antiguidade grega o espaço surge como um domínio na física, na cosmologia e talvez na teologia. Os gregos não criaram um espaço lógico, ontológico ou psicológico de percepção. Com Platão há um princípio da noção clássica de espaço, ao qual denomina de *chora*, como já foi referenciado, sendo que era um intervalo, um lugar, um receptáculo. Como uma espécie de união entre o vazio dos atomistas e do *topos*, já que ele considerava que tudo é forma, incluindo a matéria e o tempo., exceptuando o *chora* que era uma espécie de espaço do nada, invisível, com a hipótese de aceitar uma forma qualquer: um modo do vazio. O espaço da *chora* é um espaço de criação e formação

---

<sup>9</sup> Ver Bauman, Zygmunt. 2006. *Confiança e medo na cidade*. Lisboa. Relógio de água. A arquitectura colabora na resolução de problemas sociais segundo diz o sociólogo nas grandes metrópoles.

cosmológica, um receptáculo onde os quatro elementos se constituem e concretizam em figuras geométricas, um terceiro constituinte básico da realidade, junto do Ser e do Acontecer, que após a sua completude a criação denomina-o de *topos*, sendo como Platão lhe chama *a mãe de tudo o que nasce*. A *chora* pode considerar-se como algo ideal, teórico, genérico, abstracto e indefinida, um espaço metafísico, eterno, indestrutível e sagrado; já o *topos* deve considerar-se como um espaço concreto, empírico, existencial, articulado, que é definido até aos detalhes, um espaço físico e profano.

Com Aristóteles, o conceito de espaço de forma genérica é com outros mais empírico e delimitado: *lugar*. Definido como limite adjacente e a um corpo contido. Se cada corpo ocupa o seu lugar esta é uma propriedade básica e física dos corpos, algo que também está de acordo com a assumpção fundamental de Aristóteles na crença da impossibilidade do vazio, e assim o espaço era finito. Um espaço finito e anisotrópico.

Posteriormente, as teorias do espaço foram baseadas na geometria Euclidiana (num pós Aristóteles) e definem o espaço como infinito e homogéneo – uma das dimensões básicas do mundo. É considerado um espaço vectorial, proveniente da matemática, verdadeiro de dimensão finita constituído de um produto interior, é definido como a união de posições que possam ser descritas partindo da atribuição da posição a cada três coordenadas. O espaço euclidiano é uniforme, homogéneo e isotrópico. No entanto esta concepção de Euclides cuja elaboração parte do conhecimento das dimensões terrenas ignora a curvatura. Lucrécio ainda disse que toda a natureza apresenta dois aspectos básicos e distintos, o corpo e o vazio que este ocupa e por onde se desloca.<sup>10</sup>

Este tema chegou até Kant ainda com uma prioridade para o conhecimento humano, cerca de 1800 anos depois.

Durante o Renascimento Patrizzi dizia que *O espaço é a base de toda a existência*. Considera outras artes como ponto de apoio, como é o caso da pintura pode-se realmente dizer que o dimensionamento do espaço para uma perspectiva nesta fase é a base da pintura. Para Pierre Francastel -relativamente ao Renascimento - denota

---

<sup>10</sup> Norberg-Schulz, Christian. *Ibidem*. Pg. 10 “All nature is based on two things; there are bodies, and there is emptiness in which these bodies have their place, and in which they move”

inabalável fé no poder da razão, o interesse pela estabilidade, objectividade e permanência. Claramente, a perspectiva imobiliza os objectos fazendo salientar a relação da sua posição. Segundo este autor nesta altura a representação era baseada na óptica.<sup>11</sup>

Francastel (1990) e Thuiller (1994) são unânimes ao situarem o final da Idade média e o Renascimento como um período em que se desenvolve um novo modelo da realidade, e simultaneamente uma nova concepção de espaço. Este tipo de pensamento veio, não só influenciar a arte como também as ciências. Thuiller destaca que nos finais do século XIII estes modos inovadores de “Analisar as linhas, os ângulos, as superfícies e os volumes” com recurso a Euclides, “é uma forma de perceber melhor como a sabedoria divina se manifesta no mundo visível”<sup>12</sup>. Neste caso o termo “mundo visível” refere-se ao mundo exterior.

Este período de desenvolvimento artístico (renascimento) teve especial importância pelas mudanças que então aconteceram quanto às concepções de espaço e de natureza em relação à pintura que, conseqüentemente, acabaram por também influenciar a arquitectura. Conforme Thuillier mostra, para que as teorias de Galileu e Newton se pudessem desenvolver, “as noções de tempo e espaço já deviam ter adquirido um certo rigor. Só sob esta condição tornava-se possível uma física ao mesmo tempo matemática e experimental”<sup>13</sup>. Assim, mostra-se nestas linhas que o caminho dos homens de ciência que foi aberto pelos artistas e arquitectos do início do Renascimento italiano, elaboraram, segundo Francastel, um novo sistema transmissível de figuração do mundo.

A matemática era um suporte para a representação da natureza. Tem mais carácter qualitativo que quantitativo – mais geométrico que algébrico. “As fórmulas são explicações e não fontes de inspiração. A obra viva sai da imaginação e não do cálculo”<sup>14ii</sup>

---

<sup>11</sup> Francastel, Pierre. 1990. *Pintura e sociedade*. Trad. Élcio Fernandes. São Paulo; MartinsFontes.Pg.48.

<sup>12</sup> Thuiller, Pierre. 1994. *De Arquimedes a Einstein: a face oculta da invenção científica*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Pg. 70

<sup>13</sup> *Idem. Ibidem*. Pg. 58

<sup>14</sup> Francastel, Pierre. 1967. *O aparecimento de um novo espaço*. Trad. Yvonne Costa Ribeiro. In: *Sociologia da Arte, III* (Gilberto Velho, Org.). Rio de Janeiro: Zahar Pg. 37.

O arquitecto florentino Filippo Brunelleschi, influenciou significativamente a nova forma de representação do espaço, provando que conhecia o suficiente de geometria para entender os problemas de perspectiva. Na sua forma de projecção já se demonstra uma capacidade de construir algo subjacente à natureza. Algo que se pode verificar na abóbada da catedral da sua cidade, a igreja de Santa Maria Del Fiore. Com isto Brunelleschi mostrou capacidades de pensar na estrutura, e talvez isso tenha de certa forma inspirado os renascentistas. Brunelleschi conseguiu superar a visão do tratamento do espaço vazio, própria daquela altura. Criou um sistema que reproduz um modelo imaginário que permite a todas as regiões do espaço se comunicarem entre si através de planos que se interceptam.<sup>15</sup> No entanto é com Batista Alberti, que é destacado em áreas como arquitecto, urbanista, arqueólogo, cientista, cartógrafo, matemático e adepto da mensuração, que apareceu algo escrito sobre a teoria da perspectiva<sup>16</sup>.

Ainda com Francastel considera que a ideia de que o Renascimento representa uma abordagem no sentido da representação “verdadeira” relativamente ao mundo exterior de uma forma falsa. E completa: “o espaço não é uma realidade em si, da qual somente a representação é variável segundo as épocas”<sup>17</sup>.

Copérnico rompeu a unidade analítica entre os elementos do espaço, da forma e da perspectiva cónica expressa na imagem do homem como centro. A revolução científica gerada pela nova concepção do espaço está na origem do conceito de anti-espaço, o espaço independente, relativo a objectos em movimento dentro do sistema cósmico.

Julgando que o universo era governado por princípios matemáticos Galileu adoptava uma visão essencialmente mecanicista do mundo. Aceitava um atomismo que abrangia entre o que acabou por ser conhecido como qualidades primárias e secundárias das coisas, propriedades inerentes às coisas e as que eram consideradas subjectivas.

Já durante o século XVII ocorreu uma evolução na teoria do espaço Euclidiano quando Descartes introduziu o sistema coordenado ortogonal. O processo de tornar em

---

<sup>15</sup> *Idem.* 1990. *Pintura e sociedade*. Pg. 11.

<sup>16</sup> É exposta em 1435 e impressa em 1511.

<sup>17</sup> Francastel, Pierre. 1990. *O aparecimento de um novo espaço* Pg. 24.

coisa o espaço, como algo concreto ou abstracto, e sujeito a descrições tem consequências muito particulares no surgimento das ciências humanas ou sociais durante o século XIX. Particularmente na arquitectura a noção de espaço surge até finais do mesmo século, e de maneira substancial ou essencial. A introdução do espaço no discurso artístico parte um pouco dos avanços feitos na psicologia da percepção, que foi construída sobre um espaço abstracto e geométrico. A percepção será um processo activo da busca da correspondente informação, com a distinção das características essenciais de um objecto, comparação das características entre si, criação de uma hipótese apropriada e, depois, comparação desta hipótese com os dados originais.

O espaço euclidiano é baseado nos conceitos da geometria de Euclides. Descartes afirma a identidade espacial e da matéria; a verdadeira essência dos corpos é como uma extensão deste espaço. Espaço seria idêntico a extensão, designadamente o espaço da física e do universo. É um tanto ao quanto homogéneo, isotrópico, e quantificável para além de qualquer ponto de vista. No entanto Descartes introduziu no seu livro *La géométrie*, em 1637, o espaço que tem três dimensões como um espaço operacional de fundo para coordenar a geometria em matemática, que não se identifica como extensão.

Um ambicioso conceito de espaço absoluto que tencionava ser um espaço de fundo para matemática, para mecânica terrestre e celestial, e para qualquer espaço foi criado com Isaac Newton, em *Philosophiae naturalis principia mathematica*, de 1687. O espaço é algo que existe em si mesmo, numa medida absoluta. Para Newton, o espaço é absoluto, é a consciência de Deus, ideia que foi acolhida com entusiasmo, no início do século XVIII, e que foi acolhido de tal maneira que se torna segundo alguns autores a base da física clássica e sujeito da mais profunda análise. Conseguí desenhar uma linha clara de demarcação entre ciência e metafísica. Lança este espaço independente, absoluto, como o campo de movimento da inércia dos corpos.

Através de Newton, a distinção entre espaço absoluto e espaço relativo tornam-se explícitas. No reconhecimento da relação do espaço com a natureza surgem algumas questões. Desde logo, a história do conceito é marcada por uma contínua abstracção do espaço em relação à matéria. O espaço não era distinto da matéria, do homem ou de

qualquer outra coisa. A unidade da natureza é una. Será então o espaço, e não o lugar, que as pessoas vivenciam?

No fim do século XVIII e continuamente pelo XIX, os matemáticos desenvolveram a dualidade ou polaridade entre espaço e estrutura (geométrica) tornando-se artífices de espaço e espaços. Segundo Lefebvre, no final do século XVIII o espaço é posto ao serviço do estado assim como a sua racionalidade científica. A física teórica e experimental em conjunto com as matemáticas, já que estas inventaram uma série de espaços: espaço absoluto, relativo, infinito, concreto, abstracto, euclidiano, etc. Defendendo-se com uma série de debates acabaram por arrastar os filósofos para se concentrarem no tempo deixando estes problemas em mãos racionalistas e científicas. Com isto quer-se dizer que a filosofia do espaço foi arrolada como um problema mental, abstracto, analítico, absoluto. Com as ciências ou a física foi tratada como um problema real e concreto, algo que possa ser medível e empírico, ainda que físico e imóvel.

No século XX o dualismo tomou posse de todo o espaço e estrutura o que afectou consideravelmente toda a teoria física. A teoria da relatividade não existiria sem isto. Esta nova modalidade de espaço, qualificada por muitos como “espaço-tempo” de Albert Einstein também entranhou a variável do movimento como já tinha acontecido com Newton. O conceito de espaço introduzido por esta teoria indica o caminho para a mudança do espaço independente por um campo quadridimensional. A noção de tempo brota a partir de se verem as coisas transformarem-se. É através da mudança que se concebe o espaço como um possível vazio que se pode ocupar. A física relativista considera o espaço-tempo, a quadridimensionalidade uma realidade concreta. Esta concepção foi por muitos caracterizada como “anti-espaço”. É uma concepção tradicional de espaço, diferenciado na sua volumetria, identificável, descontínuo, delimitado, específico, cartesiano e estático, quase gravitacional, curvo e assim dotado de forma, em oposição ao espaço desenvolvido pelos movimentos de índole vanguardista que buscam um espaço livre, fluído, leve, contínuo, aberto, infinito, transparente, abstracto e newtoniano. A única matéria conhecida nesta teoria é matéria gravitacional. Há uma íntima relação entre matéria e espaço, e entre matéria e forma, de tal modo que até se possa afirmar que matéria é espaço ou forma e espaço é matéria. Com a teoria quântica o dualismo entre partículas e ondas mostram uma

versão diferente do dualismo matéria e espaço, sendo que a matéria é feita de partículas elementares e as ondas preenchem o espaço ao percorre-lo.

Para Einstein o espaço era distinguido em dois conceitos que se podem adaptar ao espaço de Aristóteles, o *topos*, por considerar o espaço é como qualidade da posição corpórea dos corpos materiais, e com a teoria atómica de Demócrito, ao considerar que o espaço é como realidade independente que contem os corpos mas que é independente destes.

Segundo Heidegger, para o *espaço intermédio* podem tirar-se as suas medidas segundo três extensões: a altura, a largura, e o comprimento. Assim poderia ser um espaço em três dimensões (x,y,z algo que também Fernando Távora escreve<sup>18</sup>). Ainda segundo Heidegger, o espaço e os lugares medíveis mantêm a sua essência graças à ajuda das matemáticas. O espaço e a extensão ajudam a distribuir as coisas e possibilitam a medição de distâncias, trechos, direcções e calcular as suas medidas. A física moderna teve que unir a representação do meio espacial com o espaço cósmico, como uma possível uniformidade campal como o corpo com centro dinâmico.<sup>19</sup>

Os aspectos sociais da vida humana não apresentam uma relação com o espaço (físico) mais além da dependência mútua. É neste ponto onde surge a problemática do espaço social proposto por Lefebvre<sup>20</sup> - do espaço produzido nas relações sociais, e portanto, directamente vivido – e que argumenta por distinguir o espaço mental e físico. Critica Foucault em relação aos seus termos vácuos. Afirma que nunca explica a que espaço se está a referir, ou que confunde o que existe entre a esfera teórica (epistemológica) e a prática, relacional entre o mental e o social, entre espaços de filósofos e o espaço das pessoas que tratam de coisas materiais.

Tanto Foucault como Lefebvre baseiam os seus estudos na afirmação do carácter inerentemente ideológico do espaço. Foucault preocupou-se em articular um trio entre o poder-saber-espaço com as suas investigações sobre o século XVIII e XIX, de forma particular focando-se naqueles aspectos marginais da sociedade moderna. Afirma que o espaço é fundamental em qualquer exercício de poder. É Lefebvre quem se

---

<sup>18</sup> Távora, Fernando. 1982. *Da organização do espaço*. . Com prefácio de Nuno Portas. 1ª edição em 1962. Porto. Edições do Curso de Arquitectura de ESBAP. 2ª edição. Pg.23

<sup>19</sup> Heidegger, Martin. 1954. *Da experiência de pensar: Construir, habitar, pensar*. Pg. 6-7.

<sup>20</sup> Lefebvre, Henri. 1974. *The production of space*. Oxford: Basil Blackwell

empenha em estabelecer as diferenças e contradições entre espaço mental e espaço social, entre o concebido e o vivido, o ideal e o real.

Durante séculos (desde a antiguidade clássica) o ser humano debateu a dualidade do espaço. Esta dualidade aconteceu quer pelo seu aspecto material ou mental, como objecto ou sujeito, como objectivo ou subjectivo. Com Lefebvre a sua trilogia espacial surgiu como crítica ao binário cartesiano. Este trio constrói-se considerando três níveis ou modos de existência do ser humano no mundo. No seu aspecto físico estão os parâmetros do sensível, o percebido e a presença. No plano mental ficam o abstracto, o concebido e a representação. Para terminar a trilogia falta apenas o aspecto social onde o racional, o vivido e a experiência fazem parte integrante. Neste último – o social – não suponha uma terceira “divisão” do espaço, senão mais bem uma noção que engloba as duas primeiras já que constitui a maneira em que estas se realizam. Há uma proposta alternativa a rígida dualidade na que foi confinado o espaço. Com Kant (1724-1804) houve a distinção entre o espaço natural e o espaço social. Durante este tempo (final do século XVIII e início do século XIX) reconheceu-se pela primeira vez o espaço social. Em Lefebvre, o social é abarcado desde o seu significado relativo à sociedade como um todo – em termos marxianos, como as relações sociais de produção, logo ao falar de espaço social não se refere, de qualquer modo, a um espaço socialmente frágil ou de baixos recursos, como o aclara:

*O espaço (social) não é uma coisa entre os demais coisas, nem tão pouco um produto entre outros: melhor ainda, inclui as coisas produzidas e rodeia as suas interrelações nas suas coexistências e simultaneidade – a sua ordem (relativa) e a sua (relativa) desordem. É o resultado de uma sequência e um conjunto de opções, e neste sentido não pode ser reduzido a um simples objectivo.<sup>21</sup>*

A “coisificação” do espaço – a sua redução a uma coisa ou objecto – procede desde dois âmbitos: o objectivo e o subjectivo, desde as suas definições técnicas ou científicas até às mais poéticas e artísticas. Sem dúvida ambas as visões se apresentam em estreita relação, ao ponto de chegar a ser confundidas de forma constante.

O processo de diferenciação entre espaço físico, mental e social é um desafio. De forma contínua nos fazem passar modelos e abstracções como se fossem a realidade.

---

<sup>21</sup> *Idem. Ibidem.*

Henri Lefebvre demonstra algumas apreciações sobre o espaço social, o espaço absoluto e o espaço abstracto. Isso fá-lo destacar o pensamento de Newton. Com este o espaço absoluto é considerado como uma entidade independente, portanto separado da matéria. Mas, já anteriormente a Newton e depois com ele, o conceito de espaço relativo já é considerado como algo relacional. O espaço não é independente da matéria. As relações espaciais são a interligação de partes específicas da matéria. São obviamente relativas ao movimento, ao comportamento e a composição da matéria e dos eventos materiais.<sup>22</sup>

Descartes estabeleceram as bases da nossa actual e ambígua concepção do espaço:

*O pensamento de Descartes foi visto como o ponto decisivo no desenvolvimento do conceito de espaço, e a chave para a sua forma madura (...) Descartes trouxe para um fim a tradição Aristotélica que manteve seguros aquele espaço e tempo onde entre aquelas categorias que facilitavam a nomeação e classificação da evidência dos sentidos. (...) Com a chegada da lógica Cartesiana, contudo, o espaço entrou na esfera do absoluto (...) o espaço veio a dominar, por contenção, todos os sentidos, e todos os corpos. Era o espaço um atributo divino? Ou pertencia a uma ordem imanente a totalidade do existente.*<sup>23</sup>

A análise do espaço físico, da casa, é a manifestação da dimensão íntima do habitante desse espaço. Mostra a visão de um espaço numa relação entre o espaço e o sujeito que o afirma. Bachelard (1884-1962) diz *eu sou o espaço onde estou*<sup>24</sup>, o sujeito indentifica-se com o espaço. Por isso, o apelo ao descobrimento de um espaço fora da lógica é compreensível. Em Bachelard o espaço tem a extensão do sujeito e da sua imaginação. O espaço que é assimilado pela imaginação não pode manter-se como um espaço entregue ao rigor e à abstracção dos géometras. Em *A poética do espaço*, Bachelard considera, quatro espaços: o primeiro corresponde a um espaço de cima, o segundo um espaço de baixo, o terceiro um espaço limitado entre os dois, e o quarto e ultimo um espaço sensível que serve de medida ao pensamento entre o que se pretende e o abstracto. O espaço é a *dimensão íntima* do ser.

---

<sup>22</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>23</sup> *Idem. Ibidem.* Pg. 1

<sup>24</sup> Gaston Bachelard. 1989. *A poética do espaço*. Martins Fontes. 1ª edição brasileira. pp146.

Para Merleau-Ponty (1908-1961) o espaço é o meio no qual a colocação das coisas se torna possível, deste modo, não pode ser o ambiente, real ou lógico, onde as coisas são dispostas. Ele descreve o espaço primordial como um espaço que pode ser topológico. Ou seja pensado para que numa volumetria abrange o homem, no local onde está, que se encontra por trás e pela frente do homem. Ao ser o espaço o que rodeia o homem quando o ser humano se move e desenvolve as acções diárias faz com que sintamos que ele está naturalmente sempre presente. O espaço que é vivido pelo homem é activo e dinâmico.

*(...) o espaço é em si, ou melhor, é o em si por excelência, a sua definição é de ser em si. Cada ponto do espaço é e é pensado aí, onde é, um aqui, o outro ali, o espaço é a evidência do onde. Orientação, polaridade, envolvimento são nele fenómenos derivados, ligados à minha presença.<sup>25</sup>*

Durante meados dos anos 70 Henri Lefebvre demonstra<sup>26</sup>, um conhecimento do espaço diferente do objecto de estudo como o espaço. Sendo algo abrangente põe em dúvida a sua existência como objecto, em termos de percepção humana. Explica-o como um processo construtivo mediante o qual a existência será simultânea em diferentes níveis, polarizada, portanto. O autor demonstra que o conhecimento que procura não é dirigido directamente ao espaço. Não busca criar modelos, tipologias ou protótipos espaciais. Antes oferecer uma exposição da produção do espaço.

Esta ideia hipotética é algo crucial por diversas razões. Primeiro porque desde o início da aparição da problemática espacial no saber, não houve quaisquer possibilidades de articulação de um conhecimento verdadeiro do mesmo por diferentes motivos. Declara uma crítica ao simplismo ou reducionismo no que se refere ao conhecimento do espaço. Analisa uma não neutralidade na maneira como nos apropriamos, por assim dizer, do espaço. Uma forma ideológica e instrumental. Lefebvre defende que há determinados impedimentos ou até mesmo *ilusões* que entram o progresso no conhecimento espacial e a maneira como este vive. De certa forma, pela existência de determinadas descrições ou análises (positivismo científico como objectos percebidos e um conjunto de coisas), de uma outra forma os conceitos

---

<sup>25</sup> Merleau-Ponty. 1964. *O olho e o espírito*. Pg.40.

<sup>26</sup> Lefebvre, Henri. *ibidem*.

que se foram criando e que criaram ou uma regra ou habitação em campos como a filosofia ou a matemática, etc. O problema divide-se em aspectos que pertencessem aos órgãos sensoriais e físicos, ou por outro lado a órgãos abstracto-mentais do espaço. Ao serem realidades tão diversas acabam por não se sobrepor uma face à outra. A ilusão de que o espaço seria como uma *ilusão dupla*, acabando por viverem ou num meio apenas físico, ou num meio apenas mental. Esta é uma maneira de entender o aparecimento de um projecto ou obra de arquitectura.

Após a segunda Guerra Mundial na Europa, em 1945, surgiu formação crítica relativamente aos horrores decorridos durante esse período. Houve então a necessidade de criar a partir do ser humano. Isto permitiu insinuar subtilmente que foi a desumanização e o fracasso emancipador das vanguardas e a sociedade em geral o que levou ao mundo tão aterrorador massacre.

Uma das primeiras demonstrações explícita em arquitectura desta sensibilidade pós-guerra apareceu num artigo do arquitecto finlandês Alvar Aalto cujo título é *A humanização da arquitectura*, (1940). O debate iniciado por Alvar Aalto expôs a cultura arquitectónica. E.g. as duras críticas ao funcionalismo durante os CIAM (IV Congresso Internacional da Arquitectura Moderna) de 1947 na Inglaterra, e a sua crítica reivindica as esquecidas necessidades emocionais e espirituais do ser humano e que a arquitectura, segundo ele, deve satisfazer. <sup>iii</sup>

As visões do espaço podem mudar com a cultura. No ocidente entende que o espaço é como um vazio entre objectos, passivo e neutro, como uma zona onde o homem agir. A cultura oriental entende o espaço como uma forma entre as formas, passível de autónoma. Fernando Távora, em concordância com a visão oriental, expõe o seguinte:

*As formas organizam assim o espaço (...) é o que constitui também a forma (...) aquilo a que chamamos espaço também forma, negativo ou molde das formas que os nossos olhos apreendem (...) o espaço é aquilo que os nossos olhos não conseguem apreender por processos naturais (...)aquilo a que chamamos espaço*

*é constituído por matéria e não apenas as formas que nele existem e o ocupam, como os nossos olhos deixam supor*<sup>27</sup>.

A noção de que o espaço também é forma é algo fundamental na sua opinião uma vez que permite ter a consciência de que há formas que se isolam e de que há constantemente uma relação entre espaço e forma. Como ele diz:

*(...) o espaço que separa – e liga – as formas é também forma, é noção fundamental, pois não há formas isoladas e de que uma relação existe sempre, quer entre as formas embora não vejamos, sabemos constituir forma – negativo ou molde – das formas aparente.*<sup>28</sup>

Ou seja, é preciso ter em conta observador pode estar fixo ou em movimento, e essa alteração faz com que se novas situações surjam na relação espaço-observador. O espaço é contínuo, portanto não pode ser pensado em parcialidade, ou melhor não pode ser organizado em parcialidade. O espaço e a organização estão tão ligados que um é o negativo do outro. Como não podem ser apartadas uma da outra inscrevem assim formas que visualmente podem ser harmónicas ou desarmónicas, mas as quais mantêm a evidência uma da outra. e Fernando Távora expõe:

*Mas, porque o espaço é contínuo e porque o tempo é uma das suas dimensões, o espaço é, igualmente, irreversível, isto é, dada a marcha constante do tempo e de tudo o que tal marcha acarreta e significa, um espaço organizado nunca pode ser o que já foi, donde ainda a afirmação se que o espaço está em permanente devir. (...) duas características do espaço – continuidade e irreversibilidade - uma consequente da outra, na medida em que ao falar de continuidade física pressupomos dimensões e entre estas pressupomos tempo, resulta ainda que a organização do espaço uma actividade pertence a todos os homens e não apenas a alguns, o mesmo é dizer que a obra de participação de todos os homens, em graus diferentes de intensidade e até de responsabilidade, mas de qualquer modo, obra de arte de que nenhum homem pode eximir-se.*<sup>29</sup>

Segundo o antropólogo Edward T. Hall a proxémia é o conjunto de observações e teorias referentes ao uso do espaço enquanto produto cultural específico. O autor

---

<sup>27</sup> Távora, Fernando. *Ibidem*. Pg24

<sup>28</sup> *Idem*. *Ibidem*. Pg24.

<sup>29</sup> *Idem*. *Ibidem* Pg30-31.

aborda esta questão no livro *A dimensão oculta*. Neste livro, esta proxémica acrescenta às três dimensões do espaço físico uma quarta dimensão a dimensão cultural. O homem tem a capacidade de construir de forma completa o seu espaço. O espaço pode ser considerado assim, como que uma região física que rodeia o homem, a qual é defendida de intrusos, uma espécie de território que o defende. As relações espaciais surgem como um aspecto formal de territorialidade, como informal na necessidade de espaço individual e como aspecto técnico na definição de todos os tipos de fronteiras.

O espaço começa a ser percebido e ao mesmo tempo ampliado a partir dos primeiros movimentos físicos do corpo segundo Fayga Ostrower. Esta experiência por ela considerada básica é necessária para todos os seres humanos. Dessa forma, poder-se-á dizer que o conhecimento do espaço é ligado ao processo de percepção e pesquisa do meio onde vivemos.

*(...) O espaço constitui o único mediador que temos entre nossa experiência subjectiva e a conscientização dessa experiência.*<sup>30</sup>

Voltando a Francastel, e relativamente a este aspecto de conhecimento humano do espaço, afirma que é a própria experiência do Homem.

*Existe aí um mundo imenso de sensações fundamentais, contactos de nossa pele e de nossos músculos com a matéria, humana ou não, que enriquece nossa experiência do espaço. Lembremo-nos que a Psicanálise e a Ciência, simultaneamente, levam-nos a entrar em contacto, cada dia mais, com realidades somatomentais (e, portanto, do mundo interior) que desempenham um papel fundamental para nossa compreensão do universo, e que, por outro lado, vemos desenvolver-se o gosto por novos materiais e novas técnicas (...) que nos proporcionam experiências positivas – ópticas e tácteis – novas.*<sup>31</sup>

Este autor, Francastel, salienta a importância outorgada a essa “engenharia” do sujeito pensante pelos recentes trabalhos de alguns especialistas no campo da psicologia infantil<sup>iv</sup>. Apontando então com maior importância o contributo do movimento, o tempo e a de espaço. Associado a este autor e aos seus estudos do espaço aparece frequentemente Jean Piaget.

---

<sup>30</sup> Ostrower, Fayga . 1983. *Universos da arte*. Rio de Janeiro. Editora Campus. 2ª edição. Pg 30.

<sup>31</sup> Francastel, Pierre. *Ibidem*. Pg.49-50

Piaget (1896-1980) desenvolve o estudo da noção de espaço, ou das inúmeras noções que interferem na representação do espaço pelo sujeito, com principal cuidado pela criança. Coloca que são as intuições topológicas elementares que estão na origem dessa noção, e não as intuições euclidianas de recta, ângulo, figura, medida, etc. Tais intuições topológicas estão relacionadas com as *correspondências qualitativas bicontínuas que recorrem aos conceitos de vizinhança e de separação, de envolvimento e de ordem, etc., mas ignoram qualquer conservação das distâncias, assim como toda projectividade*.<sup>32</sup>

Segundo este último autor, e revendo um pouco o tipo de estudo por ele realizado, a elaboração do espaço pela criança transita por uma fase perceptiva e outra representativa. A primeira sucede imediatamente desde o nascimento e está ligada à percepção, à motricidade. A segunda emerge após o surgimento da imagem, do pensamento intuitivo e da linguagem. Esta intuição espacial não é apenas a sensação e intuições, *é a inteligência elementar do espaço, em um nível ainda não formalizado* <sup>33</sup> É através dessa intuição que a imagem e a matéria desempenham o papel de símbolo<sup>v</sup>.

*(...)a intuição do espaço não é mais uma leitura das propriedades dos objectos, mas, antes, desde o início, uma acção exercida sobre eles; e é porque essa acção enriquece a realidade física, ao invés de extrair dela, sem mais, estruturas completamente formadas, que ela consegue ultrapassá-la gradualmente, até constituir esquemas operatórios susceptíveis de serem formalizados e de funcionarem dedutivamente por si mesmos*<sup>34</sup>.

O espaço prático de Piaget é o espaço do universo grego. Thuiller cita William Mills Ivins para explicar então esta comparação.

*(...) opõe judiciosamente o universo dos gregos, “táctil e muscular”, ao dos renascentistas, essencialmente “visual”. No primeiro, cada objecto é considerado isoladamente, como se a sua forma individual só fosse conhecida pelo toque; (...) Os objectos representados podem estar justapostos, mas não relacionados uns aos outros por meio de um entrelaçamento matemático ao mesmo tempo*

---

<sup>32</sup> Piaget, Jean; Inhelder, Bärbel. 1993. *La representation de l'espace chez l'enfant*. Pg 11.

<sup>33</sup> *Idem. Ibidem*. Pg 469

<sup>34</sup> *Idem. Ibidem*. Pg 469

*abstracto e onipresente. No segundo caso, ao contrário, os objectos situam-se e se organizam uns em relação aos outros em um espaço homogéneo que se prolonga indefinidamente em todas as direcções”<sup>35</sup>*

Piaget atribuiu aos movimentos o papel de “fontes de conhecimentos espaciais mais elementares” à semelhança de Poincaré. No entanto Piaget percebeu “a relação geral entre tais movimentos e as operações subsequentes da inteligência”, Poincaré “descreveu os movimentos em termos de sensações e manteve ao lado delas um à priori racional encarregado de dirigi-las”<sup>36</sup>. Há autores que inclusive dizem que Piaget utiliza os grupos de deslocamentos de Poincaré para caracterizar e interpretar as suas observações.

Poincaré, matemático, físico teórico, engenheiro e filósofo científico francês, foi o primeiro a descobrir a o sistema determinista do caos, que serviu de fundamento para a moderna teoria do caos. No seguimento das suas teorias científicas mostrou que a génese da noção de espaço além de estar ligada à visão e ao tacto também é determinada por sensações musculares que acompanham os movimentos no nosso corpo. Nesse seguimento apenas se pode chegar à noção de espaço estudando a leis pelas quais as nossas sensações se sucedem. A base desse espaço seria continuamente informe cujas características, proposições de estudo da topologia são “isentas de qualquer ideia de medida”<sup>37</sup>. O espaço dos géometras é contínuo, infinito, tem três dimensões  $(x,y,z$ <sup>38</sup>), comum em todos os seus pontos – homogéneo - e todas as rectas que passam por um mesmo ponto são idênticas umas às outras - isotrópico. Porém não apresenta as mesmas propriedades do espaço representativo que é formado por representações de sensações visuais, tácteis e motoras. <sup>vi</sup> Quando se localiza um objecto no espaço, o que se faz é representar quais os movimentos necessários para se alcançar esse objecto. A representação de tal movimento significa:

---

<sup>35</sup> William Mills Ivins apud Thuiller, Pierre. 1994. *Ibidem*. Pg. 77-78

<sup>36</sup> Piaget, Jean; Inhelder, Bärbel. 1993. *Ibidem*. Pg.469

<sup>37</sup> Poincaré, Jules Henri. 1995. *O valor da ciência*. Rio de Janeiro. Tradução Maria Helena Martins. Contraponto. Pg. 45.

<sup>38</sup> Távora, Fernando. *Ibidem*.Pg.23

*(...) representar as sensações musculares que os acompanham e que não têm nenhum carácter geométrico que, em consequência, não implicam, de maneira alguma, na preexistência da noção de espaço*<sup>39</sup>.

O espaço geométrico, segundo Poincaré, não seria uma forma imposta à sensibilidade, como em Kant, pelo facto de se perceber a direcção dos movimentos executados. Não seria somente uma percepção.

*As sensações que correspondem a movimentos com mesma direcção estão ligadas em meu espírito por uma simples associação de ideias.*<sup>40</sup>

Se se pensar que o ser humano tem ideias associadas a hábitos e experiências várias acabam por se perceber que a associação, ou melhor, a identificação, com teorias/ideias em oposição é obrigatória. Se por vezes se sente que se adopta a ideia do espaço euclidiano, também o espaço não-euclidiano é utilizada, mudando, talvez, de uma para a outra consoante a nossa percepção.

---

<sup>39</sup> Poincaré, Jules Henri. 1988. *A ciência e a hipótese*. Brasília. Edições UnB. Pg. 59

<sup>40</sup> *Idem. Ibidem*. Pg. 58

## 2\_Espaço e lugar



Imagem 3 Reinaldo Alves. *Solidão*. Fonte:www.olhares.com

*(...)o espaço é um dos maiores dons com que a natureza dotou os homens e que por isso, eles têm o dever, na ordem moral, de organizar com harmonia, não esquecendo que mesmo na ordem prática, ele não pode ser delapidado, até porque o espaço que ao homem é dado organizar tem os seus limites físicos*

Fernando Távora, *Da organização do espaço*, 1982.

O espaço como conceito arquitectónico surge na Europa no final do século XIX quando diversos historiadores da arte e da arquitectura propuseram a arquitectura como arte do espaço.

Os avanços nos estudos da psicologia, disciplina nascente, influenciadora de Schmarsow falavam de uma empatia, um “sentido” do espaço. Este “sentido” do espaço surge a partir do movimento e da experiência subjectiva de quem a ele recorria.

A psicologia empírica, e as teorias estéticas, entre outras, tiveram grandes avanços artísticos e científicos da época. Estes foram uma influência notável para a ideia da obra de arquitectura como experiência e não tanto como representação icónica de ordens divinas, naturais ou académicas.

Nesta época há um crescimento teórico decisivo para a história da arquitectura passando desde a arte como repetição do passado ou à natureza, tal como José Morales defende no seu livro *La concepción espacial da arquitectura*<sup>41</sup>, a arquitectura adquiria importância ao imitar os modelos formais da arquitectura do passado, já com valor em si; a arte era uma inovação criativa e inovador. A arquitectura apontava para conteúdos psicológicos para a percepção na óptica do habitante, a visão que ele tinha desta; a empatia que podia ter com o “carácter” de uma obra (beleza, harmonia, elegância, nobreza, etc.) – um pouco como os princípios defendidos nos 10 livros de arquitectura de Vitruvius.

Neste último autor, José Ricardo Morales acaba por criticar a visão de Schmarsow argumentando que o espaço não é mais que um atributo que não pode constituir a essência da arquitectura. Ainda o mesmo autor atribuiu a Hegel a arte de limitar um espaço interior como sendo a ideia de arquitectura – atribuído ao volume “Estética”, de 1835.

No início do século XX, o espaço constitui a essência da arquitectura de forma implícita e explícita. No entanto, nunca é explícita a essência do espaço. Relacionando o espaço e a arquitectura, tentando definir o espaço arquitectónico: o que é necessário para que no espaço haja arquitectura. Schmarsow foi influenciado por esta posição,

---

<sup>41</sup>Morales, José Ricardo. 1969. *La concepción especial de la arquitectura*. Santiago de Chile. Arquitectónica. Edição Universidade de Chile.

onde o espaço é concebido como uma entidade subjectiva – ideal e a priori a todo o conhecimento empírico, determinando assim que era finalmente a intuição humana a que permitia ter um “sentido” do espaço e sua profundidade ao recorrer a ele.

Schmarsow propôs ainda que o espaço onde a obra de arquitectura está pousada é entendido como um espaço geométrico-abstracto, recusando assim a proposição de que *a arquitectura está no espaço*.

Considerou que a arquitectura não “modela” o espaço já que este não é uma entidade real e perceptível. É portanto, uma abstracção, podendo ser conceptualizada por diferentes campos de pensamento, e partir de coisas incontroláveis. Pensando deste modo recusa-se a ideia de que a arquitectura configura o espaço geral para assim transformá-lo num espaço singular. É considerado o espacial ou extenso e é diferente de configurar o espaço geral. Esta diferença é determinada entre espaço (como conceito abstracto) e o espacial como espaço físico-material e sua extensão.

Afirma também que a arquitectura não é espacial uma vez que ela “está” no espaço geral, de fazer seguir frente ao espaço inerte, não porque o “contem” ou “configura”, ou “sem arte”, um espaço com qualidades intrínsecas, antes inexistentes, e que, por ele, não pode estimar-se como “parte” ou “recorte” puramente extensivo de algum espaço. Também tão pouco se poderá considerar o espaço vazio à semelhança do não-lugar, porque algo que possui extensão e massa é algo espacial (coisas, objectos). Caracteriza o espaço arquitectónico como um espaço qualitativo e tópico: fazendo frente à uniformidade do espaço matemático aparece então o espaço arquitectónico como um espaço vivido, modal, situacional mediante as suas infinitas diferenças de aspecto. Aclarando que o espaço arquitectónico é inseparável do seu sítio ou lugar, deitando abaixo qualquer consideração abstracta, geométrica ou formal do espaço independente da sua localização ou situação. Assim, uma arquitectura que seja estritamente espacial é impensável.

Tal como outros conhecimentos, o termo espaço também se tornou algo de sentido comum, de norma, os conhecimentos de algumas disciplinas, foram considerados estabelecidos.

Numa crítica ao espaço como substância da arquitectura Isidro Suárez afirmou no seu livro *La refutación del espacio como sustancia de la arquitectura* que o conceito

“espaço” relacionado com a arquitectura é demasiado impreciso e pouco rigoroso para esta, acrescentando ainda que “se chama espaço a quase tudo e quase nada.” É de tal forma abrangente que se aplica em diversas situações, o vazio, o cheio, um pedaço temporal, uma superfície de uma imagem, paisagem geográfica, é contido de algo ou contem algo, volume, espaço que se domina, espaço musical, etc.

Com o racionalismo no século XVII, com Descartes e Newton a ser considerado absoluto. Este conceito que passou a fazer parte do nosso sentido comum qualifica o espaço principalmente como vazio neutro, ou como vazio infinito do espaço exterior (o Universo). Segundo Henri Lefebvre (no livro *The productions of space*, 1991) foram as teorias de Newton e Descartes que estabeleceram a nossa actual e ambígua concepção do espaço.

*“O pensamento de Descartes foi visto como o ponto decisivo no trabalho do conceito de espaço, e a chave para a sua forma madura (...) com a chegada da lógica cartesiana, não obstante, o espaço foi entrando na esfera do absoluto (...) O espaço veio a dominar, por contenção, todos os sentidos, e todos os corpos. Era o espaço um atributo divino? Ou pertencia a uma ordem imanente da totalidade existente?”<sup>42</sup>*

Juan Borchers reflecte também sobre o espaço como não substância da arquitectura, mostrando que influência da concepção newtoniana-cartesiana do espaço cobre a arquitectura do século XX, dando ainda mais relevo ao facto de que será impossível pensar a arquitectura a partir de conceitos falsos ou confusos acerca do espaço. Algo semelhante acontece se se tomar os conceitos de espaço e tratá-los como naturais e transcendentés a toda a história.

No início do século XX o espaço começou a ser um conceito abstracto. (Mas como se passou de norma, também de certo modo imposta a “espaço verdadeiro” ?

Sendo por isso bastante recente. Destes destacam-se Alöis Riegl, August Schmarsow e Heinrich Wölfflin. Para Schmarsow, o espaço interior era “*a essência da criação arquitectónica*”, firmou em 1894. Influenciado pelo nascimento da disciplina de Psicologia moderna, como muitos outros, fala de uma empatia, um sentido de espaço.

---

<sup>42</sup> LEFEBVRE, Henri. *Ibidem*. Pg1.

No início do século XX a noção de espaço homogéneo, vazio, euclidiana, interior e tridimensional, é posta em crise pela teoria da relatividade que se ligava indissolúvelmente ao tempo e ao movimento. A noção de espaço surge no discurso teórico arquitectónico partindo da teoria da arte e da psicologia empírica. Aparecendo aquando da ideia de espaço-tempo nas propostas das vanguardas do século XX. O espaço clássico foi então posto em questão de forma como nunca antes tinha sido como uma nova arte e uma nova sociedade. As vanguardas artísticas surgiram então como uma lufada de ar, que traria mudanças à sociedade e à arte. Os cânones de representação do passado já não eram utilizados. A inspiração para estas obras de arte era as grandes urbanizações europeias com os seus avanços tecnológicos.

As vantagens da cidade face ao meio rural nesta altura, faz com que haja movimento de migração para as cidades, o que fez com que houvesse uma mudança radical na sociedade e na percepção que havia da cidade. Mas antes de acontecer tudo isto, a arte sofria já uma importante crise, numa passagem do mimetismo para a abstracção.

A prosperidade canónica dos modelos da arte e da arquitectura (desde a antiga Grécia até ao Renascimento) foram superados durante o século XIX. A primeira surge a partir dos avanços das investigações arqueológicas que introduziram um pluralismo histórico nos discursos artísticos e arquitectónicos. As grandes viagens a zonas como o Médio Oriente, África, e Ásia foram grandes influenciadoras desta mudança, assim como ajudou ao crescimento da autonomia da história da arte. Também por sua vez o conhecimento de civilizações até então desconhecidas ou mesmo marginalizadas, como é o caso de cultura chinesa, indú, árabe, pré-colombiana acabaram por afastar os modelos canónicos escolásticos da arte greco-romana até então aplaudida.

Já a segunda crise tem efeitos notáveis no aparecimento conceptual de “espaço” nos discursos artísticos e posteriormente na arquitectura. Os modelos do espaço clássico foram postos em dúvida e as obras de arquitectura deixaram de simplesmente imitar estes modelos e passaram-nos a imitar a nível abstracto e geométrico. Faziam um eclético rol de combinações de outros modelos civilizacionais sendo que apareciam uma criação diversa ou um novo espaço. A beleza que é buscada deixa de ser de origem

divina ou natural e passa a um abstracto e subjectivo. Com a psicologia da percepção surgem conceitos como ordem simetria e carácter.

Partido de teorias como as de Jaques Guillerme Legrand (1743-1804) ou Jean-Nicolas-Louis Durand (1760-1834) a arquitectura é algo complexo. Uma arte criadora e inovadora. No entanto só através uma mescla entre o passado e as necessidades presentes se tornará uma obra válida. Durand introduziu conceitos como o de conveniência e economia na distribuição interior da obra de arquitectura, e tudo sobre o mais baixo estrito eclectismo.

O arquitecto Gottfried Semper (1803-1879) foi um dos primeiros a propor (meados do século XIX) que a diferença entre a arquitectura e as demais artes é de que esta é a arte e a técnica do espaço. Quase de forma simultânea o filósofo Konrad Fiedler (1841-1895) estabelece a doutrina da pura visualização com base numa compreensão explosivamente formal (visual) das obras de arte e arquitectura. August Schmarzow (1853-1936), nos finais do século XIX, define a arquitectura com *a arte do espaço*, sendo que a sua essência era a construção de um espaço interior. Este foi influenciado por pensamentos e teorias que afirmavam que a origem psicológica da percepção do espaço de Carl Stumpf (1848-1936; filósofo e psicólogo Alemão), que foi, por sua vez, professor de Edmund Husserl (1859-1938). Alois Riegl (1858-1965), por sua vez, situa o conceito de espaço como essência da arquitectura, é a primeira vez que o conceito é utilizado de forma explícita. Riegl depressa alcança novos pensamentos e se supera, identifica no interior delimitado, homogéneo e perfeito do Panteão de Roma o paradigma do conceito de espaço.

Sobre o relativismo histórico e a óbvia abstracção formal dos métodos e teorias da arte, os estilos históricos foram desvalorizados progressivamente até irem de encontro as proposições do crítico da arte Heinrich Wöfflin. Em 1886, demonstra que a obra de arquitectura podia ser exclusivamente entendida pela percepção psicológica que o habitante teria com ela, ou seja, pela sua experiência espacial.

*(...) a visão do mundo é um espelho que nunca se modifica, mas uma capacidade de compreensão, cheia de vida, que possui a sua própria história interna e passou por diversas etapas de evolução*<sup>43</sup>.

O conceito de espaço tornou-se fundamental para as teorias da arte e da arquitectura. Através do seu estudo torna-se possível entender como é que a obra de arte poderia ser percebida, interpretada e experimentada. Este conceito de espaço um tanto ou quanto abstracto e matemático, com bases nas teoria de Euclidiano e Descartes. Um espaço interior, delimitado, era vazio mesmo contido pela obra. O espaço verdadeiro da obra de arquitectura era confundido com o espaço representativo. Um pouco como o espaço mental da lógica, da matemática e da geometria. É a partir deste espaço que foi então desenvolvido e apresentado a arquitectura nos começos do século XX – arquitectura moderna.

No passado as imagens eram referentes ao mundo técnico e à velocidade explícita da máquina. Para os futuristas italianos, a arte devia despegar-se da representação dos modelos clássicos de representação de naturezas divinas ou históricas. Devia reproduzir o movimento da máquina e a sua beleza técnica. No entanto continuavam com tradições dos parâmetros do mimetismo clássico, sendo que o único que realmente foi feito foi mudar o sistema de referência da arte. Assim como nos cubistas a transformação espacial foi a quebra com a perspectiva renascentista. Passou a ser um espaço fragmentado, múltiplo e heterogéneo. Esta mudança também foi alicerçada com os textos de Wölfflin ou de Wilhelm Worringer (1881-1965), e a saturação experiencial da cidade moderna.

Os temas representados eram várias vezes repetidos. Automóveis, aeroportos e comboios a toda a velocidade. A arquitectura de Antonio Sant’Elia é um exemplo pleno disto. Os artistas e arquitectos nesta altura tentavam imitar figurativamente a realidade que viam. Eram pertencentes às chamadas vanguardas positivas. Estas articulavam-se em volta da ciência e da tecnologia modernas como veículo para chegar ao progresso e a plenitude humana. A noção de espaço abstracto não se encontra nos cubistas ou nos futuristas. Estes continuavam apegados a representações da realidade, embora a

---

<sup>43</sup> Wölfflin, Heinrich. 1984. *Conceitos fundamentais da história da arte*. São Paulo. Tradução João Azenha Jr. Martins Fontes. Pg314-315.

desmaterializassem e a tentassem tornar fugaz e multiplicada. O espaço abstracto tem a sua origem no passo decisivo do mimetismo para a abstracção, na qual se pretendia que a arte perdesse toda a referência para converter-se em criação por si só. Uma criação completamente nova.

A ruptura com o passado criou-se aquando a tomada da obra de arte e da arquitectura como autónomas, criadoras da realidade. As obras eram agora livres. Sem terem que obedecer a ordens ou padrões. O espaço já não era criador da obra de arte ou arquitectura, agora estas eram as criadoras do espaço, elas transformam a realidade. Para Peter Eisenman<sup>44</sup> não há uma quebra com o passado. Esta continua na ficção de representação arquitectónica. Para ele a arquitectura moderna não fazia mais que operar de um modo semelhante à arquitectura clássica. De um modo representativo, a toma da utilidade como fonte básica do desenvolvimento da arquitectura moderna e não a antiguidade apenas acaba por a remontar às origens. O funcionalismo funcionou estilisticamente e que a sua assimilitude ao positivismo técnico e científico acaba por ser apenas uma disfarce da sua eficácia.

Le Corbusier defendia que a arquitectura moderna tinha uma iconografia insuficiente. Para ele e com a perda das referências de ordens divinas, históricas e naturais, acabava por encontrar a ordem nos métodos e mecanismos internos, mais do que na imagem do mundo moderno. A abstracção sublime do número e da geometria era aliada à ordem pura da ciência e da tecnologia.

Transcendendo o futurismo e as suas vontades de mimetismo científico, no sentido do transladar do imaginário do maquinista Le Corbusier leva mais além a sua reprodução. Ele nunca tentou imitar o maquinismo, senão mesmo transpô-lo no modo de criar arquitectura. As suas questões eram respondidas na óptica operativa do utilizador. Não na linha de raciocínio do que a arquitectura deveria responder à sociedade metropolitana e industrializada. Ele tentava que houvesse uma integração entre a tecnificação do presente nos procediemntos técnicos da obra, tal como Kasimir Malevich também defendia. A obra de arte como um produto de si mesma.

---

<sup>44</sup> Eisenman, Peter. 1984. El fin de lo clásico: el fin del comienzo, el fin del fin. Nova Iorque. Random House.

A arquitectura dava a entender que queria estender-se para lá do pensamento Hegeliano no espírito dos tempos para literalmente ser os tempos. Se havia um apego a áreas científicas, às técnicas, e portanto há racionalidade, matemática e geometria, isso também se deveria espelhar na arquitectura. Para Le Corbusier a mecanização deveria estar fundida entre a arte e a ciência, formando assim uma arte do futuro. Uma arte que toma para si a ciência para chegar aos seus propósitos.

Nas vanguardas suprematistas, construtivistas e neoplasticistas eram diversos os pintores, arquitectos e escultores que criavam o espaço a partir do zero, tais como e.g. Malevich, El Lissitzky ou Theo van Doesburg. A realidade que os envolvia, metropolitana e o seu espaço multiplicado já não eram influência para eles. Numa quebra com a realidade, acabaram por querer procurar uma nova ordem universal e racional que regulasse as suas produções criativas, que encontraram na abstracção pura. A sua maior preocupação era pensar a realidade futura, daí deixarem para trás a realidade presente. A cidade não era nada no presente comparativamente com aquilo que seria no futuro. Na tentativa de mudar a sociedade artistas e arquitectos deveriam recriá-la. O seu espaço deveria então ser mental e controlado mediante técnicas de visualização que permitiram a sua manipulação e controlo absoluto. A técnica industrial de projecção axonométrica ou a perspectiva do exercito são exemplos disso.

A teoria da relatividade proposta em 1905 por Einstein fez uma aproximação metafórica das artes e da arquitectura. O espaço que as vanguardas trouxeram era uma tentativa de quebrar de vez com o espaço estático cartesiano. O que se traduzia na arquitectura era uma tentativa de superar o espaço interior. Ou, melhor ainda, a quebra da dicotomia interior/exterior como metáfora da transparência e liberdade. Tanto a Bauhaus como os artistas do movimento De Stijl realizaram importantes investigações sobre o espaço abstracto e o movimento. Le Corbusier e os artistas *L'Esprit Nouveau* tiveram algum distanciamento destas propostas já que reivindicavam os parâmetros académicos utilizados por teóricos ecléticos – ordem, composição, proporção, harmonia, entre outras.

Segundo Lefebvre, a Bauhaus estabeleceu um conceito global de espaço. Um conceito que marcaria as gerações futuras de artistas e arquitectos. As suas premissas apostavam numa criação espacial que transformasse a realidade. Entendiam que havia

uma visão entre o discurso ético-político e estético. Os artistas da Bauhaus queriam desenvolver o conceito integrado de desenho, de maneira que pudesse sobre os mesmos princípios desde o mais pequeno objecto a uma cidade. O conceito de espaço abstracto como infinito, fluido, com vazio neutro esperando ser cheio acabou por ser o ideal. Artistas neoplasticistas, como Mies van der Rohe exploraram fundamentalmente este espaço. O espaço foi explorado principalmente pelos planos horizontais, sendo que se tentava reduzir ao máximo todos os elementos indicadores de verticalidade (pilares, muros, fachadas). Assim não havia interrupção da leitura, sendo por isso livre e ilimitada entre interior e exterior. No discurso arquitectónico existe a tendência a ver-se estas características como neutras. Carentes de qualquer ideologia externa à sua própria lógica. É o transparente um tanto ou quanto pouco inocente. A lógica abstracta do espaço cuja conexão aparece entre a transparência e a violência implícita na lógica visualista. Esta lógica teve o seu apogeu no século XVIII, como afirma Foucault – século da revolução e da razão.

O espaço da Bauhaus, contínuo e transparente, foi estimulado por teóricos como Siegfried Giedion (1888-1968) ou Bruno Zevi (1918-2000). Era, finalmente, a *redução da realidade social da arquitectura a fins puramente formais, visuais e físicos, como estratégias de controlo*<sup>45</sup> como relata Foucault. A tentativa de unir interior e exterior, a manifesta intenção de abolir os limites da arquitectura e suprimir a fachada como elemento predominante das obras do passado. Os muros repentinamente eram parte dos males da sociedade, alimentando a desigualdade e a desagregação. Lefebvre assinala que o interesse no espaço visual está vinculado a uma busca pela anti-gravidade da obra de arquitectura.

*A substância não era agora mais que um envelope, para o espaço, cedendo a sua hegemonia à luz que era a vivencia daquele espaço. Seguindo a tendência da filosofia, da arte, da literatura, e da sociedade como um todo, para a abstracção, a visualização e as relações formais espaciais, a arquitectura esforçou-se em nome da imaterialidade*<sup>46</sup>.

---

<sup>45</sup> Foucault, Michel. 1980. *El ojo del poder*. Entrevista com Michael Foucault, en Bentham, Jeremías: "El Panóptico." Barcelona. Edições La Piqueta.

<sup>46</sup> Lefebvre, Henri. *Ibidem*. Pg303.

As obras do movimento moderno deveriam destacar-se do solo, quase como se estivessem separadas. Como se criassem um novo solo, pois constituía-se a partir do sua autopromoção. Há uma quebra com o passado, com qualquer sistema de referência, incluindo o lugar.

Tal como era proposto no movimento moderno, a violência do visual e do legível encontrava-se implícita nas boas intenções do espaço abstracto. Assim como a abstracção (e.g. espaço geométrico visual) é tomada por real. Uma básica representação do espaço (e.g. uma imagem) muda a riqueza e a multiplicidade do espaço directamente vivido.

*Onde quer que haja ilusão, os mundos ópticos e visuais jogam um rol integral e integrativo, activo e passivo, nesta. Criam fetiches sobre a abstracção e impõem como a norma. Separam a forma pura do seu conteúdo impuro – do tempo vivido, do tempo contido, e dos corpos com a sua opacidade e solidez, o seu calor, a sua vida e a sua morte.*<sup>47</sup>

O conceito de espaço foi introduzido como uma ideologia que legitimava o discurso e as acções dos artistas de vanguarda. Deste modo vinculava-se o espaço abstracto da Bauhaus com a continuidade de uma tendência maior das sociedades modernas face à abstracção, a racionalidade tecnificada e a espectacularidade da marcantes. *A carta de Atenas seria a máxima expressão desta corrente racionalista e tecnocrática que serviu de base para o urbanismo especulativo do capitalismo e para tecidos residenciais sem atributos do que se denominou “socialismo real”.*<sup>48</sup>

O espaço abstracto desenvolvido principalmente pelo auxílio da psicologia de *Gestalt* e celebrado pelo movimento moderno, como lugar de aplicação das suas estratégias fundamentais. A escola de *Gestalt* considera que a percepção funciona como um todo, cada elemento percebido depende do seu lugar e da sua função num padrão total. O espaço vital para a teoria de *Gestalt* é aquele em que se vive psicologicamente, tendo em conta o suporte da nossa posição existencial. É um espaço quase físico, quase social e quase conceptual porque está condicionado e influenciado pelo meio físico, social e conceptual. Mas não se pode considerar que é absolutamente

---

<sup>47</sup> Lefebvre, Henri. *Ibidem*. Pg21

<sup>48</sup> Montaner, Josep Maria. *Ibidem*.

identificado com o ambiente que rodeia o homem, ele é o meio em que há um enquadramento do sujeito. Entraria em crise após a segunda Grande Guerra. Tal como assinala De Solá-Morales, não há crise depois do Projecto moderno, e o mesmo serve para o abstracto.

Como já foi referido com, Aristóteles há o reconhecimento de uma concepção do espaço como lugar (*topos*). Neste há lugar uma delimitação onde um corpo ou um objecto correspondem ao seu próprio limite. Ao ser o somatório de todos os lugares, é dinâmico, com propriedades qualitativas de forma heterogénea, com diversas direcções. Este modo primitivo de *espaço pragmático* chega bastante perto a certos conceitos de hoje em dia, embora de forma muito sistematizada.

O surgimento da noção de lugar para a arquitectura tal como o surgimento de espaço é bastante recente. Enquanto o espaço em arquitectura não possui mais de 150 anos, o de lugar não passa dos 60 anos. O lugar faz parte do léxico diário, sendo usado por diversas vezes, o que acaba por fazer com que surjam confusões entre a representação e o representado, entre linguagem e realidade. No entanto deve manter-se a diferença sempre, para logo, quando corresponda, poder criar os seus modos de relação. O mais curioso na origem problemática do lugar em arquitectura não é a sua definição, mas sim as condições em que foi criada. A sua importância para a arquitectura, a sua legitimação disciplinar e o momento, o lugar e situação específica em que levaram à transição da noção de espaço para o lugar no discurso da arquitectura.

A partir da influência fenomenológica existencialista, há uma grande importância dos temas habitação, e habitar no discurso da arquitectura. Não como um problema apenas quantitativo, funcional ou estético. A casa começou a ser vista como o único lugar onde o homem se pode enraizar existencialmente e espiritualmente no mundo moderno. Heidegger introduziu a problemática do habitar como crítica a separação radical e futurista proposta pelo projecto moderno. O problema de habitar, nos termos deste filósofo alemão passa então a fazer parte do tópico base de crítica ao funcionalismo. Partindo daqui ganha-se uma importância para a crítica ao espaço abstracto. Alegava-se que o espaço de habitar não era geométrico nem puramente visual, se não existencial e ligado a uma experiência concreta num lugar e tempo específicos. As experiências espaciais promovidas pelo movimento moderno são

denunciadas como invenções de laboratório que respondiam só a condições utópicas gerais, baseando-se num sujeito universal, *standard* e unitário (o homem moderno), um lugar abstracto (o novo espaço, a nova sociedade) e o tempo ideal (o futuro, a utopia).

Relembrando um pouco, o espaço abstracto tem como base a tradição cartesiana. Esta tratava o conhecimento como demonstrativo e ser verdadeiro e não fundado sobre tradições, mitos ou prejuízos. É dizer que o saber devia ter um rol fundacional, racional e universal. Devia ser novo e válido, escrito sobre uma tábua rasa que não deixa lugar a tradições infundadas. Como fala Josep Maria Montaner, para os arquitectos do movimento moderno, o lugar era um dado meramente quantitativo e alusivo. Quanto muito um receptáculo físico-neutral onde finalmente posam a obra de arquitectura intrínseca, essencial e autónoma. A mesma ideia que ressalta na postulação de um estilo internacional Enfatiza a separação com respeito ao lugar e ao mesmo tempo as suas vontades de construção forçadamente de um bloco monolítico na história da arquitectura.

As obras do movimento moderno apresentam diversas metáforas na sua relação com o lugar, o mundo, a realidade. Um dos seus maiores esforços durante este movimento centrou-se numa ruptura com a concepção de espaço existente, apoiada nos emergentes progressos tecnológicos, que levaria a uma crescente sensibilidade por parte da arquitectura. Os *pilotis* e as *plataformas suspensas* fazem a sua separação com a terra, a sua acção fundacional e o seu corte com passado que se encontra sistematizado simbolicamente neste tipo de operações. Mas também as suas metáforas maquinistas e náuticas, com a desmaterialização da fachada, as superfícies planas e sem atributos, etc. Todas estas manifestações eram um desejo inconsciente de desligar-se de tudo o que fosse anterior a elas, de todas as tradições, de toda a realidade que não fosse a da sua utopia.

A ruptura com o passado é finalmente feita com o lugar, o tempo e com a realidade. Havia uma idealização do presente, um escape para um futuro emancipado, perfeito, puro e acabado.

No caso da matriz ideológica desenvolvida pelo projecto moderno e o espaço abstracto estão relacionados com o carácter instrumental e político. Esta característica possibilita-nos conhecer os paradoxos não nítidos do interior deste espaço.

De forma generalizada o espaço abstracto em arquitectura é entendido de maneira bastante fraca. Os historiadores sempre a tomaram de forma passiva sem a submeter a juízos críticos. Josep Maria Montaner caracteriza o espaço abstracto com termos como: geométrico, visual, puro, etc. A diferença face aos pensamentos anteriormente referidos aparece quando agrupa a definição platónica do espaço à que foi introduzida pelo projecto moderno. Esquece completamente ambas as noções como impares e artificialmente construídas como função de interesse muito diferente.

*Os conceitos de espaço e de lugar, portanto, podem-se diferenciar claramente. O primeiro tem uma condição ideal teórica, genérica e indefinida, e o segundo possui um carácter concreto, empírico, existencial, articulado, definido até aos detalhes.*<sup>49</sup>

A distinção do espaço e do lugar é algo bastante simples se se pensar que em primeiro lugar que são ambas formas discursivas em arquitectura de tratar um problema em comum. O modo de relação entre a arquitectura e a realidade. Em segundo lugar porque não se tira conclusões destes conceitos básicos já que se autoproclamam de essenciais e mostram não o ser. Em terceiro e último são dois conceitos diferentes mas inseparáveis e também não são opostos. Um é constantemente medido em relação ao outro. Não se consegue pensar num sem o outro. O que Josep Maria Montaner define como espaço na arquitectura não é mais que uma das representações do espaço (espaço abstracto). Isto deveria ser o bastante para que o espaço fosse considerado em si mesmo como abstracto, ideal, geral, etc.

Estas características pode-se utilizar para descrever o lugar a partir do qual se constrói e actua o espaço abstracto. Também pode servir para distinguir a noção de lugar criado pelo espaço abstracto, e o lugar criado pelo existencial e o vivido. Em conformidade com Josep Maria Montaner há mais perspectivas (e.g. Giedion e Zevi) que apresentam o espaço abstracto como algo ideal e livre de qualquer compromisso material, como algo originado na filosofia, na lógica, nas matemáticas, e na geometria, e só levado num âmbito material num sentido metafórico (Funcionalismo, Bauhaus, Neoplasticismo, etc.).

---

<sup>49</sup>MONTANER, Josep Maria. 2000. *Ibidem*.

O espaço abstracto não tem nada de puro, homogéneo ou imaterial. A sua capacidade de abstracção é apenas um instrumento para fazer coincidir completamente a realidade social vivida com um simplista e excluindo o modelo dessa realidade, é apenas para se materializar na sociedade. Um modelo concebido para reduzir todas as contradições e conflitos que põem numa tela de juízo a sua validade, um modelo ao serviço do poder (estado, económico, religioso, moral, etc).

O espaço abstracto foi identificado por Henri Lefebvre como *o meio ou lugar onde se aplicam as estratégias*, referindo-se a estratégias políticas, económicas, urbanísticas, publicitárias, entre outras. Um símbolo bastante reducionista da realidade. É o necessário para garantir uma eficaz aplicação de umas estratégias igualmente reducionistas.

*(O espaço abstracto) como resultado da somatória da violência e da guerra, é político; instituído por um estado é institucional. A primeira vez parece homogénea; e de facto serve-se aquelas forças que fazem tábuas rasas com qualquer coisa que se ponha no seu caminho, com qualquer coisa que as ameça – em, breve, com as diferenças.<sup>50</sup>*

Algumas das principais propriedades e contradições do espaço abstracto segundo formula Henri Lefebvre.

O espaço pode ser homogéneo e fragmentado ao mesmo tempo. É um espaço quer se demonstra sobre a homogeneidade, em ordem, coerência, em unidade, e estabilidade como valores supremos. Contudo é um espaço que se encontra subdividido e segregado em todas as direcções, é fundamentalmente descontínuo. Uma homogeneidade muito controlada e dividida até ao infinito como estratégia e domínio do inalcançável.

*Sobre o seu aspecto homogéneo, o espaço suprime as distinções e as diferenças entre as de interior e exterior, as que tendem a ser reduzidas ao estado indiferenciado do âmbito visível-legível. Simultaneamente, este mesmo espaço é fragmentado e fracturado, de acordo com as demais divisões do trabalho e a divisão das necessidades e das funções.<sup>51</sup>*

---

<sup>50</sup> Lefebvre, Henri. *Ibidem*. Pg 285

<sup>51</sup> *Idem*. *Ibidem*. Pg 355

O espaço pode ser visual (óptico) e transparente. É um espaço que manifesta um predomínio desmesurado pela palavra escrita (texto) e pela espetacularização da imagem. Tudo se transforma na totalidade do vivido, desde o visto ao exposto, suprimindo os modos de percepção sensorial, metendo-os num rol confinado. A cor e a luz são deformados, exagerados, em imagens, vídeos, etc. Tudo é reduzido a uma espécie de processador de dados, negando o contacto com o mundo através de linguagem ou vista. A percepção é uma interacção de tensões dirigidas. A percepção inicia-se através da captação de elementos estruturais e globais mais evidentes terminando na formação de conceitos perceptivos. A *Gestalt* desenvolveu diversas leis e princípios da percepção visual: a lei da totalidade, estrutural, dialéctica, do contraste, do fechamento, da contemplação, da simplicidade, da concentração, da continuidade, do conforto, princípio da proximidade, da ocultação, da memória ou repetição da hierarquização. Há ainda um espaço neutral, geométrico e ideal. Um espaço onde há algo de natural e inocente, e portanto, inquestionável, e estabelecido. Este espaço vê-se com um vazio neutral, geométrico e sem atributos específicos. Um requisito para a sua existência é um independência absoluta de qualquer conteúdo, no qual é considerado impuro. Esta neutralidade é perseguida pela pureza geométrica (ou euclidiana) vista como o epítome de ordem e a estabilidade convertidas em fetiches. As *impurezas* da realidade (pobres, minorias, mulheres, crianças improdutivos, etc.) não eram incluídos da sua ordem simbólicas e física. A idealização desta ordem também está ligada à sua separação respectivamente respectivamente a um conteúdo (as personagens, as emoções, o sensual-sensível, os conflitos, os gestos, as ideologias) a sua ansiada pureza está associada a uma pretensão de transcendência. Isto garantiu em última instância o seu objectivo tácito de materialização por meios práticos.

E para finalizar o espaço fálico. Para que haja uma execução no mundo prático do espaço abstracto é preciso que seja executado no nosso mundo material. Não se podem apenas compor imagens, planos ou estratégias. Um objecto concreto que simbolize a força e a fertilidade masculina (o poder, o estado, a ordem). Este objecto constrói-se a partir da necessidade de impressionar e para que se possa contemplar à distância. A mensagem de autoridade seria perfeitamente passada. Um objecto vertical, imponente, forte, espectacular e impressionante garantiam a sua frontalidade. Algo

exclusivamente simbólico, mas com particular importância em diversas áreas como a política, a publicidade, a religião, a economia, e claro para a arquitectura. Este símbolo pretende mostrar progresso, grandiosidade, estabilidade, êxito, etc. Muito para além da arrogância, ego, violência, autoridade e controlo.

## PARTE II – Existência humana, espaço e arquitetura: Christian Norberg-Schulz

*Esqueço. Não vejo, sem pensar.*

*Cessa a chuva, e dela fica, um momento, uma poalha de diamantes mínimos, como se, no alto, qualquer coisa como uma grande toalha se sacudisse azulmente dessas migalhinhas. Sente-se que parte do céu está já aberta. Vê-se<sup>1</sup>, através da janela fronteira, o calendário mais nitidamente. Tem uma cara de mulher, e o resto é fácil porque o reconheço<sup>2</sup>, e a pasta dentífrica é a mais conhecida de todas.*

*Mas em que pensava eu antes de me perder a ver? Não sei. Vontade? Esforço? Vida? Com um grande avanço de luz sente-se que o céu é já quase todo azul. Mas não há sossego - ah, nem o haverá nunca! - no fundo do meu coração, poço velho ao fim da quinta vendida, memória de infância fechada a pó no sótão da casa alheia. Não há sossego - e, ai de mim!, nem sequer há desejo de o ter...*

Fernando Pessoa, em *O livro do desassossego*.

## 1\_Pensamento arquitectónico de Christian Norberg-Schulz



Imagem 4 Luís Caçador. *Ficção*. Fonte:www.olhares.com

*“(...) o espaço como dimensão existencial e como relação entre o homem e o ambiente que o rodeia, foi esquecido. Não é de estranhar que sejam muitos os que, cansados do problema do espaço em arquitectura, só desejam falar de “estruturas”, “sistemas” ou de “ambiente”. Mas com esta atitude, pouco se ganha.”*

*Christian Norberg-Schulz, em Existence, space & architecture.*

Este Arquitecto e historiador é famoso por várias obras escritas ao longo da sua vida. As mais famosas abordam temas sobre a arquitectura clássica, italiana e o barroco. Foi dos primeiros arquitectos a aproximar-se de forma tão insistente dos pensamentos de Martin Heidegger.

Os lugares da arquitectura são catalogados como fenómenos concretos que afectam de maneira directa o ser e o corpo humano na sua totalidade. Cada lugar possui o seu próprio carácter ou atmosfera que proviria de uma identidade e seria irreduzível a uma mera localização geométrica ou geográfica. Para este autor cada lugar sobre a terra possui um carácter que o identifica como um espírito, um sentido próprio. Sem deixar de parte o conceito de espaço afirma que *o espaço é reintroduzido, não tanto com um conceito matemático, mas como dimensão existencial*<sup>52</sup>. O espaço existencial é continuamente alternado entre termos como espaço vivido, espaço concreto, espaço saturado, etc. O autor utiliza alguns termos com um significado muito forte já que têm bases nas filosofias de Heidegger, Bollnow, Husserl e Merleau-Ponty. Alguns deles são e.g. carácter, ambiente, intenção, identidade, imagem, experiência, sentido e espírito.

No seu livro *Intentions in architecture* o autor faz uma abordagem sobre a prática da arquitectura, com o factor de uma dimensão discutida como compreensão de um sistema. Neste livro fala sobre as envolvências ou influências do ser humano, obrigando a uma proposta transcendente de definição dada pelo começo do funcionalismo.

Com a discussão da percepção e da simbolização foi incluída e foi enfatizado o homem que não poderá ganhar a marca apenas através do conhecimento científico. Também terá que trabalhar com arte para conseguir representar o dia-a-dia. Esta teoria de manter o trabalho da arte como concretização da situação de vida também é mantida no livro *Genius Loci*. A proposta de trabalho da arte é manter e transmitir significado.

O conceito *significado* também foi introduzido com o livro *Intentions in architecture* Este livro é bastante importante já que ajuda ao entendimento de temas sobre a

---

<sup>52</sup> Norberg-Schulz, Christian 1980. *Genius Loci. Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque. Rizzoli.

arquitectura. Desde logo mostra que não é um livro dedicado às dificuldades técnicas. Antes pelo contrário, é um livro dedicado aos problemas de definir qual será a tarefa e qual será a sua solução, obviamente, mais satisfatória. Associa a prática e a arte às necessidades que têm o arquitecto, a sociedade e o cliente. O autor nunca se deixa considerar como um ser humano, e por isso limitado quer pelo meio que o criou, quer pela dimensão não totalitária do seu conhecimento.

As soluções arquitectónicas são o resultado de improvisações, por vezes até, acidentais. Demonstra também que o pensamento de que o arquitecto deve afastar-se de concepções teóricas a fim de evitar que haja perdas de criatividade é errado. O livro é uma discussão aberta sobre o pensamento psicológico da arquitectura, juntamente com o lado prático da matéria. A arquitectura como problemática e solução, é o miolo do qual as partes individuais são independentes, mas para o qual confluem.

O objectivo a cumprir é trazer ordem ao complexo, e a tudo o que envolve o termo arquitectura. Aplica métodos científicos e outras bases de outros campos na arquitectura, mostrando portanto a um postância da envolvência de todas as disciplinas como matéria unânime. O estudo, neste livro, tem o seu esqueleto na percepção. Tal é a sua importância que o autor decide deixar em aberto esta para uma posterior abordagem noutro livro<sup>53</sup>.

Os textos deste autor são bastante anti-vernaculares ou monumental, já que não aceita a arquitectura que é feita *para impressionar a população*. Ele demonstra nos seus textos que acredita na arquitectura. Para ele não há diferentes tipos de arquitectura, mas sim diferentes situações que requerem diferentes soluções. Uma maneira de satisfazer as necessidades do homem física e psicologicamente. Ainda no mesmo livro faz uma análise quase científica da arte e arquitectura, algo que no seu livro *Genius loci* acaba por afirmar ser errado e para o qual acaba por encontrar um método mais iluminado. Acha que ao ter analisado o tema tão analiticamente acaba por perder o carácter de envolvente, que acaba por ser o objecto de identificação do ser humano, e que nos deverá levar no sentido da marca existencial. Esta marca foi clara no livro *Existence, space and architecture* onde o conceito de “espaço existencial” foi introduzido, não como um termo lógico ou matemático, mas como relacional entre o

---

<sup>53</sup> Norberg-Schulz, Christian. 1965. *Intentions in Architecture*. Cambridge. MIT Press.

homem e a sua envolvente. Esta análise continua para o livro *Genius loci* fazendo um concreto entendimento da envolveria humana. O conceito de espaço existencial é dividido em termos complementares *espaço* e *carácter* em concordância com as básicas funções psíquicas de *orientação* e *identificação*.

O espaço tal como o carácter não deve ser tratado como um aspecto puramente psicológico como o autor refere, ao contrário do que fazia O. F. Bollnow, sendo directamente relacionado com a arquitectura como a *concretização do espaço existencial*. *Concretização* é explicada pelo significado do conceito *amontoado* e *coisa*. A palavra *coisa* foi originalmente colocada num amontoado, e o significado de qualquer coisa consiste no que é amontoado, junto ou reunido. Já Heidegger afirmava que *a coisa reúne o mundo*. A psicologia deste último autor foi um elemento fulcral para catalisar e determinar o desenvolvimento do livro *Genius loci*. O desejo de incompreensão da arquitectura tem uma fenomenologia concreta que é arrastada desde o livro *Intentions in architecture*. A sua satisfação de completude aparece no livro *Genius loci* graças aos ensaios Heideggerianos em linguagem e estética. O autor Christian Norberg-Schulz chega mesmo a declarar estar em dívida para com Heidegger com o conceito de *habitar*. Habitamos por meio do construir, o construir tem o *habitar* como meta. Na relação de um com o outro, nem todas as construções são feitas para serem moradas, ou vivendas, mas estão na região do nosso *habitar*. As construções albergam o homem, mas ele acaba por não morar nelas. Se *habitar* apenas diz respeito a alojamento, as construções como vivendas deviam proporcionar um certo alojamento. No entanto, *será que darão a garantia de que aconteça um habitar?*<sup>54</sup> Heidegger avalia um pouco a sua língua em relação às palavras *construir* e *habitar*. Acaba por evoluir um pouco o conceito com a ajuda da linguística e da relação que estas duas palavras têm e com a relativa proximidade que têm com os termos *ser, eu sou, eu habito, tu habitas*. Segundo este autor, Heidegger, *o homem significa: estar na terra como mortal, significa: habitar*<sup>55</sup>. Afirma que *construir* no sentido de abrigar e cuidar não é em nada produzir. O *habitar* não é algo que possa ser experienciado como é o caso do ser do homem. O *habitar* nunca se pensa de forma completa como rasgo fundamental do ser do homem. No

---

<sup>54</sup> Heidegger, Martin. 1954. *Da experiência de pensar: Construir habitar pensar*. Pg.1

<sup>55</sup> *Idem. Ibidem*. Pg2

entanto se temos a sabemos o que a língua e as palavras nos tentam dizer, distinguimos três coisas essenciais. Em primeiro lugar o construir é realmente *habitar*. Depois a maneira como a condição humana na terra é pertence desde logo ao habitar. Já se é pensado no *construir como habitar*<sup>56</sup> fala-se de um construir que zela, que pensa no crescimento, que ergue edifícios. O ser humano é quem *habita*. O acto de *habitar* alivia o ser do homem, e acalma a maneira de residir dos mortais na terra. Diz-nos que há uma unidade entre quatro conceitos: Céu, divino, terra e mortalidade, sendo que *habitamos* na presença dos quatro. Há coisas nas quais o homem não pode nem deve mandar, as coisas divinas. Os mortais *habitam* enquanto se auto-conduzem como essência própria até há morte. Os mortais constroem coisas que não crescem,<sup>vii</sup> mas que protegem e tratam do que cresce. Segundo este autor *o cuidar e o erigir é o construir em sentido estrito*.<sup>57</sup> Se pensarmos antes a partir do habitar, e na maneira como poderá este pertencer ao acto de construir? Estamos demasiado habituados a não prestar atenção suficiente às coisas que nos circundam, acabando mesmo por as anular durante o dia a dia. Se nos dermos bem conta do que nos circunda acabaremos por entender que num espaço há espaço. A maneira como nos deslocamos os ângulos de visão, a nossa visão, o nosso modo de entender e de nos apropriarmos do espaço, torna-o mutável, dinâmico, heterogéneo, ao mesmo tempo que se define. Algo que o livro *A imagem da cidade* de Gordon Cullen retrata. O espaço é algo limitado e ao mesmo tempo livre. Algo que existe como delimitador, mas abstracto, talvez um pouco como referência. É uma fronteira onde a partir da qual se começa a definir algo. As coisas ou os lugares são algo ao qual acabaremos por chamar de construções. São assim chamados porque acabam por estar produzidas pelo construir que erige. Portanto se se considerar a essência das coisas, acabamos por descobrir ao experencia-las que para além delas estão, partido de si mesmas, como um requisito para a sua produção o construir como produzir. Pensando na relação lugar e espaço e também a relação homem e espaço, o autor acaba por falar um pouco daquilo que torna o espaço um espaço intermédio, medível e um tanto ao quanto matemático. Integrante de vários lugares, o espaço acaba por estar contido

---

<sup>56</sup> *Idem. Ibidem. Pg4*

<sup>57</sup> *Idem. Ibidem. Pg4*

também nesses lugares como espaço na sua extensão e, antes, como espaço intermédio.

A referência relacional entre o homem e o espaço acaba por surgir partindo da relação entre lugares e espaço e entre espaço e espaço. Na relação entre o homem e o espaço, o espaço é usufruído pelo homem, pelo seu deambular por entre as suas passagens de um lado para o outro. O facto de se ser humano acaba por se poder haver uma espécie de passagem, porque se pode deslocar, ou ser ou estar. Há também uma ligação aos quatro conceitos a partir dos quais habitamos. Os lugares e a sua relação com o homem e os lugares como espaços de descanso no habitar. A essência das coisas que são lugares é chamada de construções. Ao construir-se há uma instalação de lugares, um instituir e amontoar de espaços. Ao construir-se formam-se lugares, e portanto espaços que se devem proteger de toda a geometria e matemática. A essência do habitar aparece quando há autênticas construções que marcam o habitar. Já *a essência do construir é deixar habitar*<sup>58</sup>, e apenas ao haver capacidade de habitar haverá capacidade de construir. *Habitar é uma marca fundamental do ser pela qual somos mortais*.<sup>59</sup> (...) *Serão capazes disso se ambos, construir e pensar, pertencerem ao habitar, permanecendo em seus próprios limites e sabendo que tanto um como o outro vieram do trabalho de uma grande experiência e um interessante exercício. Os mortais devem buscar primeiro a essência do habitar e depois a essência pois devem aprender a fazê-lo (habitar). A falta do solo natal é algo tão aflitivo ao ser humano que poderá ser a única coisa que pode separar o homem de habitar.*

De certa forma, até se poderá dizer que a *base existencialista* e *habitar* são sinónimos, no sentido existencial *habitar* é a proposta de arquitectura. O homem *habita* enquanto consegue orientar-se e identificar-se a si mesmo como uma envolvente, melhor ainda, quando experimenta a significância total da envolvência, se enche do seu envolvente. *Habitar* implica mais que *abrigo* ou *refúgio*. Os espaços em que ocorre a vida são os *lugares*. Um lugar tem bastantes diferenças em relação ao espaço. Desde há diversos anos que o *genius loci* ou o *espírito do espaço* foi reorientado como uma realidade humana concreta que tem que ser encarada e que é como a vida quotidiana. A

---

<sup>58</sup> *Idem. Ibidem.* Pg 8

<sup>59</sup> *Idem. Ibidem.* Pg 9

arquitectura auxilia a visualização do *genius loci*, e a sua função na arquitectura e criar significados para os lugares que ajudam ou levam o Homem a habitar. No seu livro “Genius loci” responde a distintas formas aos problemas por ele considerados, podendo mesmo ser apenas respondidos por desenhos ou esboços, que segundo o autor podem não estar completos. O livro é mais um passo em relação à fenomenologia da arquitectura. Uma teoria que compreende a arquitectura de modo concreto e em termo existencial. É por esta conquista da dimensão existencial que surgiu o “Genius loci”. Durante várias épocas de teorias abstractas e científicas, é claro que deva haver um regresso a teorias qualitativas para o entendimento fenomenológico da arquitectura. Há um abandono do abstracto quantitativo e uma retoma do abstracto fenomenológico qualitativo. Isto, de certa forma, acabou por não ajudar a resolver problemas práticos tão longe quanto o entendimento o permitiu. A dimensão socioeconómica não é parte integrante do estudo deste livro, contudo podem impedir ou facilitar a auto-realização de algumas estruturas existenciais. Faz ainda metáfora com uma imagem em frame, que nos põe à disposição apenas aquele *espaço* determinado para ser adquirido como lugar, mas não determina este significado existencial. O significado do espaço existencial tem raízes mais fundas, sendo elas determinadas por estruturas do nosso *ser-no-mundo* [being-in-the-world], tal como algo analisado por Heidegger no seu trabalho sobre “*Ser e tempo*” de 1926. No ensaio do mesmo autor “*construir, habitar, pensar*” de 1951 relaciona a existência estrutural básica, com as questões de construir e habitar e no ensaio “*A coisa*” de 1950 refere a importância de conceito *gathering*. Segundo o autor Christian Norberg-Schulz os arquitectos modernos excluíram a dimensão existencial mesmo que por breves momentos reconheçam o seu significado. Algo que Le Corbusier escreveu no livro “*Uer nne architecture*” de 1923.

*The propose of architecture is to move us. Architectural emotions exists when the work rings within us in tune with a universe whose laws we obey, recognize and respect.*

Com Louis Kahn a dimensão existencial foi renovada, segundo o autor Norberg-Schulz. Ao colocada a pergunta *o que é que o edifício quer ser?*, o problema é colocado de maneira existencial.

Esta dimensão existencial tem vindo a aparecer ao longo da história, o que segundo Norberg-Schulz significa que transcende a situação histórica. No caso da

História, esta apenas se torna significativa segundo novas concretizações da dimensão existencial. Isto depende de como as coisas possam ser feitas, ou seja, depende da forma e tecnologia, ou como Louis Kahn disse *tecnologia inspiradora*. Também inclui o como da envolvente Natural. Em “*Genius loci*” o autor escolheu o lugar como tema integrante e talvez até inseparável da dimensão existencialista. O lugar representa na realidade a partilha em arquitectura. É portanto relacional entre o ser humano e o que o envolve. O lugar é a concreta manifestação de habitar por parte do homem, e a sua identidade depende da sua presença nos lugares. Mas afinal, o que é o lugar? Porque é que este pode ser tão importante para a compreensão da arquitectura?

O autor começa por definir no seu livro “*Genius loci*” o mundo em que vivemos como um fenómeno concreto. Aqui coexistem seres vivos, e não vivos naturais, construções, caminhos, objectos. No entanto contêm fenómenos mais intangíveis, como os sentimentos. Isto é que embora se possa falar de coisas não presentes fisicamente ou que ainda não podemos conhecer sem ser por palavras e não por sentidos, podemos ainda assim enuncia-las sem problemas. Podemos chamar as coisas como algo *abstracto*, ou por *ferramentas* que são construídos para servir outras propostas como aquelas da vida quotidiana. É mais frequente dar mais importância a estas ferramentas do que ao nosso mundo no qual vivemos. Há determinadas ferramentas que são utilizadas para definir algo como grupo, mas que declara um determinado ser único (e.g. floresta define um conjunto de árvores).

Um termo para envolvente é o *lugar*. É bastante utilizado para enunciar actos e ocorrências como *tomou lugar*. O *lugar* é, segundo o autor, parte integrante da existência humana. O termo *lugar* é claramente mais que uma localização abstracta. As sensações das texturas, formas, substâncias, modos construtivos, cores, são determinantes para a definição de um carácter envolvente, o que acaba por ser a essência do *lugar*. Um *lugar* chega a ter um carácter de atmosfera, de envolvência. É um carácter qualitativo, um fenómeno total, é uma natureza concreta fora da vista. Para se fazer um *lugar* basta que hajam acções diferentes em meios ou lugares diferentes. Nesta ordem de ideias todas as cidades e as casas constituem um conjunto de lugares particulares. Embora esta teoria tenha sido tomada em conta em planeamento e arquitectura, acabou por se tornar demasiado abstracta. Quando se diz *tomar lugar* é

regularmente compreendida como forma quantitativa, num sentido bastante funcional com implicações de distribuição espacial e dimensional. Faz flutuar a questão se não existirá interacção funcional e similar em todo o lado. É bastante claro que não. Cada passado pessoal, vivências, tradições, condicionantes da envolvente, noção de propriedade, crenças acabam por mudar a maneira como as coisas são vividas ou absorvidas. *Cada lugar, cada sitio, o aqui tem uma identidade particular.*<sup>60</sup>

*Lugares* qualitativos e com complexos naturais não podem ser descritos por científicos. Sendo considerada pelo autor a mais importante para um conhecimento abstracto como fundamental objectivo o conhecimento.

A fenomenologia foi concebida como um regresso às coisas, opositora à abstracção e à construção mental. A necessidade de uma fenomenologia arquitectónica é bastante grande. Este tema ao longo dos tempos foi tratado sem referência directa à arquitectura, e apenas com leves abordagens ao tema da vida quotidiana.

---

<sup>60</sup> Norberg-Schulz, Christian. 1980. *Genius loci*

## 2\_Espaço arquitectónico e a sua interacção com o Homem

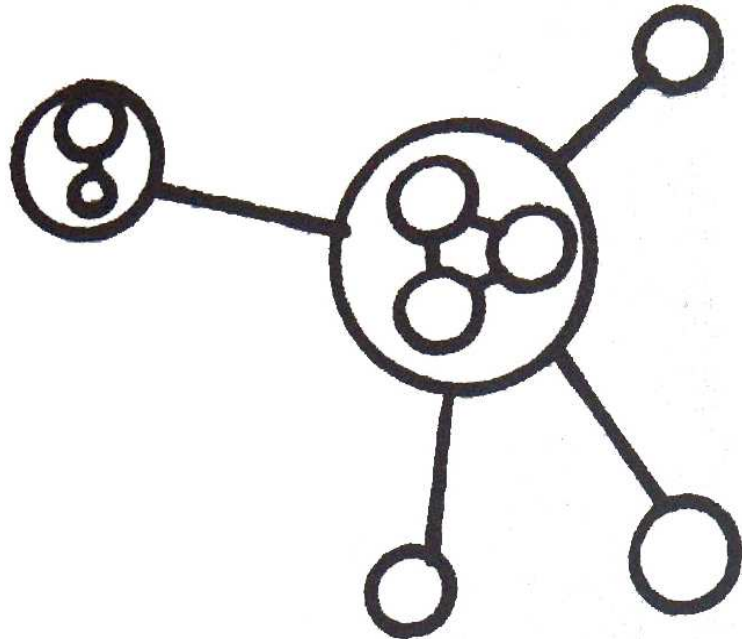


Imagem 5 Desenho de Christian Norberg-Schulz. *Existence, space & architecture*. Pg.33.

*Mesmo se reconhecêssemos a diversidade das experiências passadas, obteríamos já com isso uma visão penetrante do próprio do espaço? A questão, o que é o espaço enquanto espaço, ainda não é questionada e menos ainda respondida. Permanece indeciso de que modo o espaço é e se lhe pode corresponder um ser.*

*Pertence o espaço aos fenómenos originários, em cujo contacto segundo uma palavra de Goethe, sobrevém ao homem uma espécie de timidez que chega até à angustia? Pois atrás do espaço, assim parece já não existe nada a que pudesse ser reconhecido. Diante dele mostra-se possível para uma outra coisa. O próprio do espaço deve mostrar-se a partir dele mesmo. O que ele é ainda se deixa dizer?*

Martin Heidegger, em *A arte e o espaço*.

Os textos do autor arquitecto e historiador norueguês, Christian Norberg-Schulz, são uma grande influência para a fenomenologia nos estudos arquitectónicos nos anos 60 e 70. Este nomeia alguns autores que o ajudaram a chegar a determinadas conclusões, os processos de assimilação do que é o espaço existencial e qual a sua relação com o ser humano. A importância de determinados pensamentos em relação ao espaço para a sua compreensão.

Após a segunda guerra mundial o historiador da arte Dagobert Frey e o arquitecto Rudolf Schwarz tiveram (de forma dissociada) algumas ideias inspiradoras para Norberg-Schulz. Com Frey destaca o facto de este ter referido os termos caminho [path] e marca [goal], termos estes que associa ao espaço existencial, e ao espaço arquitectónico propriamente dito. Este cria uma *ponte intelectual sobre o vazio existente entre o homem e a sua envolvente*<sup>61</sup>. Frey ainda diz que a arquitectura não gira em função de uma experiência, antes a estrutura que pode ser experimentada já que expressa propriedades básicas da existência humana. Já com o arquitecto Rudolf Schwarz houve uma descrição sobre o ser no mundo, uma fundamental estrutura de existência, trazendo-as para a arquitectura do espaço.

Já Kevin Lynch acabou por partir dos problemas das cidades modernas. A *imagem de um bom ambiente dá, a quem a possui, um sentido importante de segurança emocional*<sup>62</sup>. Ele tenta relacionar o ambiente da cidade ao espaço existencial. O seu trabalho chega mesmo a ser considerado humanista por dar a conhecer ao homem a parte de trás da praça.

Para chegar ao entendimento do espaço em arquitectura há que perceber o que é o espaço existencial. O autor Norberg-Schulz acaba por destacar duas disciplinas: sociologia e filosofia, e referencia o nome de Jean Piaget (1896-1980). Este epistemólogo, psicólogo e biólogo suíço falou sobre a geometria e a psicofisiologia da percepção espacial. Através dos seus estudos do desenvolvimento das crianças, ilumina o ambiente do envolvente humano.

---

<sup>61</sup>Norberg-Schulz, Christian. 1971. *Existence, Space & Architecture*. Pg 14

<sup>62</sup>Lynch, Kevin. 1982. *A Imagem da cidade*. Lisboa. Edições 70

No campo da filosofia e dentro dos estudos em relação ao espaço há alguns destaques: Gaston Bachelard, Otto Friedrich Bollnow, Merleau-Ponty, e Martin Heidegger. Merleau-Ponty demonstra que critica um pouco as teorias psicológicas de percepção:

*Os "signos" que, por hipótese, deveriam introduzir-nos na experiência do espaço só podem então significar o espaço se eles já são apreendidos nele e se o espaço já é conhecido. Visto que a percepção é a iniciação ao mundo e que, como se disse com profundidade, "antes dela não há nada que seja espírito", não podemos colocar nela relações objectivas que em seu nível ainda não estão constituídas. E por isso que os cartesianos falavam de uma "geometria natural". A significação da grandeza aparente e da convergência, quer dizer, a distância, ainda não pode ser exposta e tematizada.<sup>63</sup>*

Para ele a visão não é um certo modo de pensamento ou da presença de si: é o meio que me é dado de estar ausente de mim mesmo<sup>64</sup> A visão não objectiva as coisas, comunica com elas.

Este autor falou do lugar e das direcções que podem determinar as descidas e subidas de forma geral que podem acontecer num lugar, que precede a percepção. O corpo do homem e a sua percepção acabam por solicitar e *considerar como centro do mundo a paisagem que eles nos oferecem. Mas esta paisagem não é necessariamente aquela de nossa vida. Posso "estar em outro lugar" mesmo permanecendo aqui, e se me retêm longe daquilo que amo sinto-me excêntrico à verdadeira vida.<sup>65</sup>*

O espaço é para este autor (Merleau-Ponty) uma das estruturas que exprime o nosso estar no mundo.

*Dissemos que o espaço é existencial; poderíamos dizer da mesma maneira que a existência é espacial, quer dizer, que por uma necessidade interior ela se abre a um "fora", a tal ponto que se pode falar de um espaço mental e de um "mundo das significações e dos objectos de pensamento que nelas se constituem"<sup>66</sup>*

---

<sup>63</sup> Merleau-Ponty. 1962. *The phenomenology of perception*. Pg346

<sup>64</sup> Merleau-Ponty. 1964. *O olho e o espírito*. Pg.64

<sup>65</sup> *Ibidem* Pg 384

<sup>66</sup> *Ibidem* Pg 394

Em Heidegger, Norberg-Schulz, diz encontrar o primeiro autor a afirmar que o carácter espacial da existência humana – *a existência é espacial* -, e o carácter existencial do espaço humano – *habitar é a propriedade essencial da existência*.

Com Bollnow a linha de pensamentos usada por Heidegger foi ainda mais detalhada e desenvolvida na compreensão da teoria do espaço existencial. Este começa por discutir o conceito de espaço e orientações. Investiga primeiro a fenomenologia do *aberto* e *fechado*, para depois partir para a discussão sobre o *espaço de acção, de expressão*, e do ser humano em conjunto.

Deste modo o autor norueguês tenta que os conceitos considerados por ele básicos sejam compreendidos relativamente ao espaço. Assim avança em relação ao conceito de espaço existencial, *o espaço recupera a posição central que deve ter na teoria da arquitectura*, após a superação de determinadas limitações nas concepções geométricas ou de percepção visual.

O espaço existencial foi definido pelo autor como um *sistema (...) estável de esquemas perceptivos ou imagens do ambiente envolvente*. Diz que *o espaço existencial tem um “carácter objectivo”<sup>67</sup>*. À semelhança das teorias de Piaget, o autor e arquitecto norueguês diz que é durante a infância que a ideia do mundo é estruturada, e que se desenvolvem as noções de espaço. Primeiro a criança aprende a *reconhecer* para ser capaz de *construir o mundo como um sistema de similaridades*<sup>68</sup>. Depois disto há um conectar das coisas, associa-las a determinados lugares, englobá-las numa coisa mais ampla, um espaço. Há ainda uma aprendizagem a destacar sobre os objectos que são distinguidos entre estáticos e móveis. Sendo que os imóveis podem ser marcos de referência, mas que os segundos não o devem ser. *O desenvolvimento do conceito de lugar e de espaço como um sistema de lugares é por isso uma necessária condição de encontrar o apoio [foothold] existencial*<sup>69</sup>. Segundo Piaget *o espaço é um produto de uma interacção entre o organismo e o ambiente (...)*.

A estrutura da existência parte de dois aspectos: o *abstracto* e o *concreto*. O abstracto trata de esquemas gerais. Esta índole topológica ou geométrica foi detalhadamente estudada por Jean Piaget. *O aspecto concreto refere a captação dos*

---

<sup>67</sup> Norberg-Schulz, Christian. *Ibidem*. Pg 17

<sup>68</sup> *Idem*. *Ibidem*. Pg17

<sup>69</sup> *Idem*. *Ibidem*. Pg17

*elementos do ambiente envolvente: paisagem rural, ambiente urbano, edifícios e elementos físicos e foram discutidos em trabalhos de Frey, Schmarz, Bachelard, Bollnow e Lynch.*<sup>70</sup>

Partindo daqui, Norberg-shulz acaba por fazer uma correspondência entre os termos arquitectónicos e os topológicos utilizados na psicologia perceptiva. O homem para se conseguir orientar *necessita captar essas relações, enquanto que os esquemas geométricos se desenvolvem muito mais tarde para cumprir propósitos mais particulares*. Desde o estabelecimento de *centros ou lugares* como uma *proximidade, direcções ou caminhos* como uma *continuidade*, e *áreas ou domínios* como *enclausura*.<sup>71</sup> Há uma determinada importância de cada um destes conceitos destacados por Schulz. O centro como termo é espontaneamente entendido como subjectivamente centrado. O homem é o centro do espaço se se pensar nos níveis de desenvolvimento espaciais. É uma forma de organização geral muito importante. Há centros que são o ponto de referência organizacional em comparação com os outros.

A noção de centro pode ainda ser associada a casa, algo que faz parte de ser humano enquanto ainda criança ver a sua casa como o centro. Mesmo o ser humano ao longo da sua história pensava que o mundo era centrado. Várias são as histórias e as lendas que mostram perfeitamente este tipo de pensamento (e.g. a terra era o centro, os outros planetas e estrelas é que giravam à sua volta; regresso de Ulisses a Itaca). *Desde há muito que o centro representa para o homem o que é conhecido em contraste com o desconhecido e algo temível do mundo circundante. (...) Com isto o autor define o conceito de lugar. Todos os centros são lugares de acção: lugares onde as actividades particulares decorrem, ou lugares de interacção social como as casas relativas e de amigos*<sup>72</sup>.

Os lugares são onde os acontecimentos mais importantes da nossa existência acontecem. Também são pontos de partida pelos quais nos guiamos para nos orientarmos e nos apoderamos do ambiente circundante. Um lugar tem um determinado tamanho ou extensão que marca o espaço próprio de cada indivíduo.

---

<sup>70</sup> *Idem. Ibidem.* Pg 18

<sup>71</sup> *Idem. Ibidem.* Pg 18

<sup>72</sup> *Idem. Ibidem.* Pg 18

O conceito de existencial, lugar, e lugares, juntamente com os termos proximidade, centralidade e clausura em conjunto são noções que são elementos básicos do espaço existencial.

A direcção e o caminho não podem ser explicados sem antes termos uma mínima noção de lugar. Um lugar implica que haja um *interior* e um *exterior*, e o espaço existencial é composto por diversos lugres. *Um lugar está por isso situado dentro de um largo contexto, e não pode ser compreendido isoladamente. Se isso fosse possível, a história do homem estaria a sentir falta do seu dinamismo. Qualquer lugar, de facto, contém direcções.*<sup>73</sup> O autor ainda diz que o único lugar onde pode imaginar sem direcções é segundo o espaço euclidiano.

Os significados que explicam algumas direcções, como é o caso da direcção vertical, remontam a uma dimensão sagrada do espaço. É como uma representação de um caminho que vai em direcção a uma realidade que Ultrapassa o mundo real. Já no caso das direcções Horizontais, representam o mundo terreno onde o homem actua, ou uma extensão infinita. *O modelo mais simples do espaço existencial do homem é, por isso, um plano horizontal atravessado por um eixo vertical.*<sup>74</sup> Se o homem se apropria demasiado do que o circunda acaba por se agarrar a isso e abandonar o processo de fazer um caminho, é como se se acomodasse e desistisse de procurar. *“Em frente” [forward], então, significa a direcção da actividade do homem, enquanto “para trás” [behind] mostra a distância já feita.* O caminho é considerado um dos grandes símbolos originais da existência humana. Mas os *caminhos do homem regressão sempre a casa, e os caminhos, por isso, contêm sempre uma certa tensão entre o conhecido e o desconhecido.*<sup>75</sup>

As direcções relativamente ao espaço existencial são determinadas pelas acções do homem. No entanto não são apenas definidas por isso, também podem ser determinadas direcções pela natureza, pelos pontos cardiais, e pelas características topográficas de um de um determinado lugar. Assim haverá a determinação de

---

<sup>73</sup> *Idem. Ibidem.* Pg20

<sup>74</sup> *Idem. Ibidem.* Pg21

<sup>75</sup> *Idem. Ibidem.* Pg22

caminhos, que poderão ser eleitos consoante a distância mais curta, ou o estado de espírito.

*Perceptivamente e como um esquema, qualquer caminho é caracterizado pela sua continuidade. O lugar deverá ser achado a partir de proximidades dos elementos que os definem, e de certa forma pelo encerramento, os caminhos são imaginados como uma sucessão linear. O que acontece ao longo do caminho, adere à tensão criada pela meta que tem que ser alcançada e pelo ponto de partida que fica para trás. Em certos casos o caminho desempenha a função de ser um ser organizador de elementos que o acompanham.*<sup>76</sup> As pessoas gostam de saber de onde vêm e onde desembocam, e Kevin Lynch mostrou diversos exemplos deste tipo de caminho, e percursos no seu livro A imagem da cidade.

Os caminhos dividem e estruturam as zonas que rodeiam o homem em áreas mais ou menos conhecidas – Regiões [domains]. O ser humano tem a tendência a imaginar o que desconhece partido de bases gerais de direcção (norte, sul, este, oeste) e de conhecimentos geográficos.

Ao se definir regiões há em certa medida um lugar, já que é definido por algo fechado, em clausura, por *proximidade e similaridade a elementos constituintes*. No entanto domínio e lugar são coisas diferentes, *obviamente compreendem áreas às quais nós não pertencemos e que não funcionam como metas*<sup>77</sup>.

As regiões podem ser definidas por um terreno sem ser estruturado, onde aparecem de forma destacada os caminhos e os lugares. É uma espécie de unificação do espaço existencial. Ao ser acrescentado algo mais em determinada região, ela é anexa através de caminho e lugares.

A tentativa de estruturar o mundo em regiões vem já desde a antiguidade. O homem começou ao longo das suas conquistas territoriais a aceitar os brancos do mapa sem se importar já que encaixavam dentro do que conhecia. *O homem moderno, não*

---

<sup>76</sup> *Idem. Ibidem. Pg 22-23*

<sup>77</sup> *Idem. Ibidem. Pg23*

*pode falar com tal segurança. Aspira a um conhecimento concreto dos lugares individuais mais que à aceitação de características gerais*<sup>78</sup>.

Consoante os tipos de influências, as regiões podem ser delimitadas por elementos naturais importantes, pela maneira como o solo é utilizado, por condições sociais ou por características climáticas de cada região. É evidente que a imagem que o homem tem da região é directamente influenciada sua psicologia e pela função deste quer social, quer cultural.

Ao haver interacção dos elementos referenciados (lugar, caminho, e região), há aproximação real da dimensão da existência humana. Há diversas maneiras de combinar estes elementos, desse modo torna-se absolutamente crucial uma análise do espaço existencial e a sua importância para cada um destes elementos e da sua interacção entre si.

*Se os lugares interferem com o seu redor, cria-se um problema de 'interior e exterior'. Esta relação topológica, por isso, é um aspecto fundamental do espaço existencial. 'Estar dentro' é, obviamente, a primeira intenção por de trás do conceito de lugar, que é, para estar algures, alheio daquilo que é 'fora'. Apenas quando o homem define o que está no interior e no exterior podemos dizer que 'habita'. Através deste atalho, a experiência do homem e memória foi localizada, e o 'interior' da personalidade. 'Identidade', está conectada com a experiência do lugar (...).*<sup>79</sup>

Shulz delibera as condições formais pertencentes ao lugar. A geometrização aparece como uma forma de conseguir fechar, e *eliminar as direcções causais* para precisar melhor a relação interior/exterior. A entrada deverá estar de forma fechada e com a qual se introduz uma determinada direcção. Esta direcção acaba por intervir no lugar. Porque da mesma maneira que esta alongado face ao exterior, também este exterior penetra nele, *criando uma área de transição. Esta área está relacionada com*

---

<sup>78</sup> *Idem. Ibidem. Pg 24*

<sup>79</sup> *Idem. Ibidem. Pg25*

*uma abertura à que podem dar-se várias formas para expressar o grau de continuidade no espaço existencial...A abertura é o elemento que torna o lugar vivo.*<sup>80</sup>

Um lugar é relacionado com as diversas direcções através de um *sistema de caminhos* que o centralizam. Estes caminhos por sua vez estão interligados uns com os outros através das interacções humanas que os fazem e os ligam entre si. Podem haver *bifurcações* ou *encruzilhadas* que levam o homem a estar mais uma vez ligado a questões existencialistas. Qual o caminho a levar? *A eleição é um problema básico da vida humana.*

A *ponte* (termo já utilizado por Heidegger em construir, habitar, pensar) é um *caminho particularmente expressivo* já que *une duas regiões e contém duas direcções, é um normalmente um forte estado do equilíbrio dinâmico*<sup>81</sup>. O *sistema de caminhos* mostra as possibilidades humanas em movimentar-se e qual a *extensão do seu mundo*.

As áreas com maior densidade tornam-se lugares, embora haja áreas que continuam a ser regiões, *a identificação com os arredores pressupõe densidades variáveis e, sobretudo, os densos focos que servem os pontos de referência básicos*<sup>82</sup>.

O antigo conceito de *genius loci* é ressaltado com estes elementos de teoria existencial do espaço. *O espaço existencial não pode ser compreendido por causa apenas das necessidades com o homem, senão unicamente como resultado da sua interacção ou influência recíproca com o ambiente que o rodeia, que deve compreender e aceitar*<sup>83</sup>

Os elementos do espaço existencial aparecem em níveis diferentes numa hierarquia. *Os mais extensos são os níveis de 'geografia' e paisagem [landscape], enquanto no extremo oposto encontramos toda uma ordem de mobiliário e de objectos ainda mais pequenos. Os níveis vieram determinar um ambiente que nos rodeia e ao mesmo tempo pela constituição do homem.* Os níveis são vários, começando pelo determinado pela *mão*, pelo mobiliário, pela casa, pelo urbano, pela paisagem e pelo

---

<sup>80</sup> *Idem. Ibidem.* Pg25

<sup>81</sup> *Idem. Ibidem.* Pg26

<sup>82</sup> *Idem. Ibidem.* Pg27

<sup>83</sup> *Idem. Ibidem.* Pg27

geográfico. *O sistema de níveis, a diferença esquematiza desenvolvida em cada nível, e a interacção de níveis constituem a estrutura do espaço existencial*<sup>84</sup>.

O nível geográfico é mais *pensado* que *vivido*, tem por isso um grande carácter cognitivo. Tem uma grande importância para áreas como a política e a cultura, já que é muito útil para determinar a identidade de cada região, país ou continente, abastecendo também com notícias económicas e ecológicas o homem de uma maneira muito abrangente. *O lugar e o caminho do espaço geográfico tem um carácter abstracto: eles não podem representar o que é directamente sabido, mas são elementos potenciais do espaço existencial.*<sup>85</sup> O nível geográfico é constituído por estruturas hierárquicas que simbolizam regiões definidas e articuladas por sistemas de comunicação e elementos naturais.

Na paisagem os esquemas estão formados por níveis de interacção diversas influências desde as actividades humanas, a topografia, a vegetação e o clima. A mesma paisagem é interpretada de maneira diferente consoante a pessoa, a sua actividade, e o seu interesse. Ao ser o pano de fundo, a paisagem tem uma estrutura por si só. Oferece formas de orientação e identificação; espaços para o crescimento de lugares, caminhos e regiões naturais. A actividade e o lugar sentidos com *identidade/segurança*, são criados a partir de diferentes necessidades humanas que satisfazem o conceito de lugar. *A paisagem obviamente contém um lugar potencial que pode apenas satisfazer uma das exigências básicas*<sup>86</sup>, nesses casos os meios artificiais de planificação e a construção satisfazem as outras exigências. *Mas a estrutura da paisagem tem que ser admitida, é relativamente difusa em geral... a paisagem tem sempre a função de formar o fundo contínuo da nossa imagem do ambiente que nos rodeia*<sup>87</sup>.

No caso do nível urbano, o que determina as estruturas é a acção do homem, melhor a interacção do homem com o ambiente que o envolve. Durante este desenvolvimento o homem entende a sua relação com as coisas, e a sua participação juntamente com os outros, e a partir daí tem um sentido de identidade. *A primeira qualidade da imagem urbana é a imagem da singularidade dos lugares identificáveis. As*

---

<sup>84</sup> *Idem. Ibidem.* Pg27

<sup>85</sup> *Idem. Ibidem.* Pg28

<sup>86</sup> *Idem. Ibidem.* Pg28

<sup>87</sup> *Idem. Ibidem.* Pg29

condições da imagem urbana são os seguintes: identificabilidade com figura face à paisagem, e os princípios de fecho e proximidade dos elementos constituintes. Segundo os termos de Lynch o nível urbano foi organizado em diversos *pontos, caminhos e regiões*. Estes eram sistemas que pretendiam arrumar hierarquicamente o supra-sistema urbano. O homem sente a necessidade de *arredores urbanos que facilitem a formação de imagens, necessita distritos que tenham um carácter particular, caminhos que conduzam a alguma parte e pontos que sejam 'lugares assinalados e inesquecíveis'...* Dentro do nível urbano, o indivíduo usualmente propõe o seu espaço existencial mais 'privado', mas é essencial que este seja interpretado como uma parte de um todo mais amplo... A 'socialização' teve que acompanhar o desenvolvimento do espaço existencial para se tornar em algo realmente significativo<sup>88</sup>.

No sentido mais completo da palavra, as casas são os espaços privados nos níveis urbanos. É o lugar onde o homem reside, onde *habita*, é o núcleo da família, que faz parte de uma comunidade, onde se cria a noção da existência humana, o lugar de onde todos partimos mas para onde, todos, regressamos. Um lugar será o principal que compõe a estrutura de uma casa. Também contem o interior da casa cujo interior tem diversos lugares subordinados e conecta caminhos. Há várias actividades que acontecem na casa, e a sua coordenação total revela uma maneira de viver. *A casa dá ao homem um lugar na terra...expressa a estrutura de habitar com todos os aspectos psicológicos e psíquicos*<sup>89</sup>.

A *coisa* é considerada por Schulz como o nível mais baixo de espaço existencial, o dos moveis e objectos de uso. Os objectos estão directamente ligados às suas funções, e a sua forma tem a tendência a corresponder à função para a qual foram criados, tentando ser facilmente distinguidos por ela. Os objectos podem também por si só servirem como foco dentro de casa, como a lareira, como um centro do habitar (e aqui pode falar-se de Frank Lloyd Wright que colocava a lareira curiosamente ao centro da casa), ou ainda a cama que inicia o dia e o termina, um objecto ao qual o homem recorre todos os dias.

---

<sup>88</sup> *Idem. Ibidem.* Pg30

<sup>89</sup> *Idem. Ibidem.* Pg31

A interacção destes diferentes níveis acaba por mostrar que *Os níveis arquitectónicos do espaço existencial formam uma estruturada totalidade que corresponde a estrutura da existência. O homem existe com relação a muitos objectos: objectos físicos, objectos psíquicos, objectos sociais e objectos culturais.*<sup>90</sup>

O espaço existencial pode ser definido por um conjunto simultâneo de níveis de forma descontínua e não homogénea. São experimentados pela percepção independentemente da situação do indivíduo. Em primeiro lugar há um centro que centra todas as outras coisas. Dentro dele pode haver mais centros que se ligam por caminhos, assim como exteriormente outros centros que se ligam por caminhos ao centro. Todos eles são influenciados pelo que os rodeia, algo como a região. O espaço existencial está coberto de subsistemas que têm uma influência recíproca entre si, com invasões uns sobre os outros.

Para concluir o tema do espaço existencial e a sua relação com o ser humano, há que dizer que segundo o autor norueguês *o desenvolvimento de um espaço existencial forma necessariamente parte de uma orientação do indivíduo, e essa é a propriedade básica da sua estrutura que deve ser pública, para assim permitir a integração social...O espaço é apenas um dos aspectos da existência.*<sup>91</sup> Todas as actividades humanas estão vinculadas a um espaço, porque este está sempre ou em movimento ou em relação com um lugar. É estar localizado no seu próprio espaço existencial. A percepção individual como forma de experiência do espaço é de certa forma um pouco tensa quando se confronta com a situação do espaço existencial. O autor exterioriza algumas preocupações relativamente a problemas de conexão entre o ser humano e o espaço existencial. A crescente mobilidade das pessoas e os projectos utópicos do mundo móveis impossibilitam o *desenvolvimento humano*, e que segundo Piaget isso faria do homem chegasse a um estado egocêntrico que *não permitiria uma interacção humana real, enquanto o mundo estável e estruturado libertaria a sua inteligência*. O autor cita Christopher Alexander que fala das *patologias sociais associadas à vida urbana que são inevitavelmente consequências da falta de contacto íntimo.*<sup>92</sup> A discussão da envolvente humana é um problema humano, o problema de preservar a identidade do homem.

---

<sup>90</sup> *Idem. Ibidem.* Pg32

<sup>91</sup> *Idem. Ibidem.* Pg34

<sup>92</sup> *Idem. Ibidem.* Pg35

Esqueceu o que é habitar, e é deixado no vazio e na irreal liberdade. A liberdade continua a existir partido da segurança, e para haver segurança o homem precisa de se identificar, e nesse sentido o espaço existencial é uma resposta positiva. *Esta é a essência do habitar.* A experiência do homem hoje mostra que a base [foothold] do conhecimento do espaço existencial não aparece de forma simples. *O problema do ambiente, por isso, é um problema de intenções e atitudes.*<sup>93</sup>

---

<sup>93</sup> *Idem. Ibidem. Pg36*

## Conclusão

O ser humano é um ser social e relacional. Deste modo não se pode deixar de pensar que o espaço faz parte do seu habitar, do seu mundo. Viver faz parte do mundo como o mundo faz parte do viver. Relacionar as coisas físicas com o ser humano é obrigatório à nossa condição humana. Um vive em prol do outro. Existir é pensar. Pensar é observar, ser perspicaz, ser até dedutivo. Assim perguntas existencialistas são constantes. De entre muitas questões humanas, e neste caso para arquitectura, torna-se absolutamente crucial esclarecer o *espaço*. O espaço dinâmico e unitário, onde se reúnem a materialidade e acção humana. Há um valor de uso e um valor de troca, já que se usufrui. O espaço não é uma casualidade da matéria, mas um resultado da sua produção.

A arquitectura é como uma arte, ou técnica de projectar o que é habitado pelo ser humano. Esta organiza o homem no espaço, e têm várias vertentes que podem abranger desde o projecto do objecto simples, até à cidade e à sua envolvente. Assim não se podia deixar para trás algo como o espaço, principalmente por este ser necessário para o conhecimento do ser humano e para o trabalho da arquitectura. O conceito de espaço existencial vai de encontro a esta procura humana. É uma identidade Humana, que apascenta a necessidade de conhecimento existencialista e também de modo arquitectónico. Uma vez que os arquitectos tratam a configuração do espaço Saber sobre o espaço existencial é saber sobre o homem. Percebe-lo é entender o que significa *habitar*, algo que não se pode ignorar. A estabilidade emocional do ser humano depende disso. Se não se *habita*, não se é, ou pelo menos não se consegue sentir a calma e a tranquilidade e, por isso, não se consegue viver em conforto total. É parte integrante do bem-estar, necessária para o homem progredir.

Conceitos destacados por Christian Norberg-Schulz contribuem para um entendimento melhor do ser humano como centro e lugares, direcções e caminhos, e áreas e regiões que se interligam e interagem, uns com os outros, desde nível mais

pequeno, o objecto, até ao nível maior, nível geográfico. É nesta série de esquemas relacionais que fazem a interligação entre o homem e o espaço em que vive que se desenvolve o *espaço* existencial. Ter a noção do espaço que se habita é afirmar a nossa identidade. É o lugar no espaço, a distinção entre lugar e espaço, e espaço e espaço. É sentir-se que se tem um lugar próprio (relação entre homem e *espaço*), o lar de cada um de nós, lugares comuns de convivência social. O homem lida frequentemente com noções abstractas - um tanto ao quanto políticas - como cidades, regiões, países, continentes, e até plantas e galáxias.

Em Christian Norberg-Schulz é fascinante o seu pensamento intelectual na, e para a arquitectura - único e impar, como mais nenhum outro arquitecto foi capaz de continuar a desenvolver. Livros detalhados e em diversas mas sempre atentas vertentes, criaram para muitos arquitectos o simbolismo básico descritivo da arquitectura, já para não falar de outros estudiosos de outras áreas. São relatos atentos e detalhados de relações homem-mundo, e por isso existência humana e espaço. O recurso a muitas outras disciplinas e estudos tornam ainda mais ricos os seus textos relacionais. A teoria psicológica de Gestalt, faz parte deste rol de teorias que o influenciaram e, mais do que isso, ajudaram, assim, como os mecanismos de percepção, concepção, teorias de informação, filosofia analítica moderna, e ainda a análise linguística e a teoria genérica dos signos e símbolos. Isto tudo numa perspectiva observadora, que é completa por pensamentos existencialistas de grandes autores como Heidegger, Giedion, Woelfflin, Burkhardt, Bruno Zevi, entre muitos outros.

As suas apreciações arquitectónicas são tão completas e abrangentes que recorre exemplificativamente a arquitectos como Peter Zumthor, Alvar Aalto, Frank Lloyd Wright, Louis Kahn, Reima Peitilä, Paulo Portughesi, Colin St John Wilson, Steven Holl, Hans Sharoun, etc. É um arquitecto inspirador e que deve ser apreciado e valorizado. Os seus textos foram concebidos de tal modo que não são apenas ecléticos mas sim com o pretexto de criar noções que vão para além da estética. Deste modo, torna-as tão abrangentes e capacitadas que podem ser igualmente utilizadas por outras áreas para além da arquitectura como é o caso da ciência, sociologia, psicologia, filosofia.

Olhar para o trabalho deste autor, Christian Norberg-Schulz, e para as suas ideias, percebendo-as faz ter a necessidade de saber as suas escolhas no apelo de determinados autores. As suas influências no trabalho filosófico de autores como Heidegger, Piaget, etc. ajuda a entender o que o autor tanto apela. Norberg-Schulz apela a uma prática da arquitectura envolvendo um *curar dos edifícios e habitar o lugar*. No fundo poder-se-á dizer como algo sustentável, diga-se, já que evita o desperdício de espaços, tempo, etc. É recuperar e apropriarmo-nos dos lugares que foram já criados. Ele percebeu que o fim da arquitectura será a sua inabitabilidade. Talvez para evitar isso, e por achar que as obras de Heidegger fossem enquadradas com o trabalho dos arquitectos, chamou à atenção para este autor, *tornando o seu trabalho profissional mais humano e significativo*. Devemos estar alerta para os edifícios e para quem os habita tentando sempre adequar um ao outro. A garantia de que se é consciente e que se tem em conta os procedimentos convencionais, isso não significa que a construção arquitectónica seja abrangente e completamente certa. Cada obra é feita com um fim, um propósito, e deve ser esse que é respeitado, sendo a primeira base da construção, e posteriormente/consequentemente a sua habitação.<sup>94</sup>

O decurso deste trabalho deve-se a uma dúvida face ao termo *espaço*. Ao pensar-se em *espaço* várias são as ideias que surgem, tantas que se utiliza o termo diariamente – e talvez banalmente - com variadíssimos sentidos. Estas, que foram ao longo dos tempos objecto de estudo e de tentativas de resposta, surgem de várias formas, possuindo vários conceitos, compreendendo muitas coisas e ao mesmo tempo nenhuma. Adquire diante do Homem formas abstractas, físicas e existencialistas. É um tempo complexo cheio de certezas e dúvidas, usado nas mais diversas ocasiões. Nada se poderá apontar a tal coisa tão completamente incompleta?

A arquitectura por tentar ser cada vez mais completa, e mais equilibrada é uma concreção de disciplinas. Desliga-la de todas estas disciplinas é desumaniza-la. Afastar a arquitectura de disciplinas com ligação ao ser humano é ser negligente com toda a sua forma de resposta às necessidades humanas. É um problema humano, o problema de

---

<sup>94</sup> Sharr, Adam. *Ibidem*. Pg. 98-100

preservar a identidade humana<sup>95</sup>. Para atingir grandes níveis de resposta equilibrada em arquitectura é necessário que esta esteja para lá das respostas normais e para tal é necessário acompanhar o movimento do crescimento humano e das suas necessidades, algo que Fernando Távora demonstrou.

*(...) os problemas da organização do espaço são de uma amplitude mais vasta do que aquilo que geralmente se lhes atribui, havendo que ultrapassar os limitados conceitos ou em preconcebidas ideias com que geralmente são focados tais problemas.*<sup>96</sup>

Um ser social e isolado, completo e que busca completar-se, um ser absolutamente polar, onde os opostos fazem a complementaridade de do necessário. A não abstracção de disciplinas que estudem e circundem o ser humano é portanto absolutamente necessária para a descoberta do ser humana e das suas necessidades.

*Não se suponha o arquitecto demiurgo o único, o génio do espaço organizado porque outros participaram também na busca do conhecimento dos problemas do homem e das respostas que esses problemas pedem.*<sup>97</sup>

Sobre o papel do arquitecto em relação a este tema, não se pode dizer que seja apenas ele o único responsável. O ser humano que usufrui também transforma o espaço ao seu jeito. No entanto se o arquitecto cria formas, cria circunstâncias. E essas circunstâncias são feitas de aspectos que podem ou não ser melhorados – para estes sim o arquitecto contribui e deve fazê-lo da melhor maneira possível, e com o máximo de informação. O arquitecto – que acima de tudo é humano – deve ter em conta os problemas do homem em geral. Desta forma poderá conseguir juntar a sua capacidade rigorosa e direccionada no seu trabalho com o *indispensável humanismo*<sup>98</sup>. Talvez este seja a única maneira de chegar a bom porto na arquitectura, e criar mais espaços humanos. Indispensáveis ao ser humano e à sua vida e em comunidade. Este era um dos pontos para os quais já Fernando Távora em 1982 apontava como único modo de superação do abandono do humanismo arquitectónico. Desde então passaram quase 30 anos. Estará o ser humano e o arquitecto a caminhar correctamente nesta sociedade do

---

<sup>95</sup> Norberg-Schulz, Christian. 1971. *Existence, space, architecture* pp36

<sup>96</sup> Távora, Fernando. 1982. *Da organização do espaço*. Pg21-22

<sup>97</sup> *Idem. Ibidem*. Pg15

<sup>98</sup> *Idem. Ibidem*.Pg87

*consumo imediato*, e esta terá influência humana na arquitectura? Deverá a arquitectura ser realmente mais humana, ou será que o humano se deve voltar a adaptar ao envolvente - como em épocas passadas? Qual se deverá moldar uma em relação à outra? Ou em modo equilibrado? E será possível essa adaptação?

## Referências

### 1\_ Bibliografia

- 1\_ ARNHEIM, Rudolf. 1971. *El pensamiento visual*. Eudeba.
- 2\_ AUGE, Marc. 1992. *Non-Lieux, introduction à une anthropologie de la surmodernité*, Le Seuil.
- 3\_ BACHELARD, Gaston. 1989. *A poética do espaço*. Martins Fontes, 1ª edição brasileira.
- 4\_ Bauman, Zygmunt. 2006. *Confiança e medo na cidade*. Lisboa. Relógio de água.
- 5\_ BOCHERS, Juan. 1975. *Meta Arquitectura*. Santiago. Edições Mathesis
- 6\_ CHING, FRANCIS D. K.. 1943. *Architecture: form, space, and order*. John Wiley & sons, Inc., 3ª edição.
- 7\_ COUTINHO, Evaldo. 1970. *O espaço da arquitetura*. Recife. Universidade Federal de Pernambuco.
- 8\_ CULLEN, Gordon. 2006. *Paisagem Urbana*. Lisboa. Edições 70.
- 9\_ EINSTEIN, Albert. 1947. *The problem of space, ether and the field of physics*. Nova Iorque. Random House.
- 10\_ EISENMAN, Peter. 1984. *El fin de lo clásico: el fin del comienzo, el fin del fin*. Barcelona. En Revista Arquitecturas Bis Nº 48.
- 11\_ FOSTER, A. 1989. *Analysis of special patterns in buildings as an insight into social structure: examples from the scottish atlantis iron age*. Antiquity
- 12\_ FOUCAULT, Michel. 1980. *El ojo del poder*. Entrevista com Michael Foucault, en Bentham, Jeremías: "El Panóptico." Barcelona. Edições La Piqueta.
- 13\_ FRANCASTEL, Pierre. 1967. *O aparecimento de um novo espaço*. Trad. Yvonne Costa Ribeiro. In: Sociologia da Arte, III (Gilberto Velho, Org.). Rio de Janeiro: Zahar
- 14\_ \_\_\_\_\_ 1990. *Pintura e sociedade*. Trad. Élcio Fernandes. São Paulo; MartinsFontes.

- 15\_ GIEDION, S. 1980. *Space, time and architecture*. Cambridge. Harvard University press.
- 16\_ \_\_\_\_\_ 1988. *El presente eterno: los comienzos de la arquitectura*. Madrid. Alianza.
- 17\_ HALE, Jonathan. 2009. *Merleau ponty for architects*. Taylor & Francis Ltd.
- 18\_ HALL, Eduard T.. 1966. *The hidden dimension*. Nova Iorque.
- 19\_ HEIDEGGER, Martin. 1927. *Ser e tempo*
- 20\_ \_\_\_\_\_ 1954. *Da experiência de pensar: Construir, habitar, pensar. Poeticamente o Homem habita.*
- 21\_ JAMESON, Fredric. 1991. *Las políticas de la teoría. Posiciones ideológicas en el debate posmodernista*. Buenos Aires. Ensayos sobre el Posmodernismo. Imago Mundi.
- 22\_ JAMMER, M. 1954. *Concepts of space*. Cambridge. Harvard University Press.
- 23\_ KAHN, Louis. 1984. *Forma y Diseño*. Nueva Visión.
- 24\_ KANDINSKY, Wassily. 1996. *Ponto, linha, plano*. Edições 70.
- 25\_ LEFEBRE, Henri. 1974. *The production of space*. Oxford: Basil Blackwell.
- 26\_ LYNCH, Kevin. 1982. *A imagem da Cidade*. Lisboa. Edições 70.
- 27\_ MASSEY, Dorren. 1994. *Space, place and gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- 28\_ MERLEAU-PONTY, Maurice. 1962. *The phenomenology of perception*. London. Humanities Press.
- 29\_ \_\_\_\_\_ 1964.. *O olho e o espírito*
- 30\_ MONTANER, Josep Maria. 2000. *Espacio A.A.V.V. Introducción a la arquitectura. Conceptos fundamentales*. Barcelona. Edições UPC.
- 31\_ MORALES, José Ricardo. 1969. *La concepción especial de la arquitectura*. Santiago de Chile. Arquitectónica. Edição Universidade de Chile.
- 32\_ MORAIS, Paula. 2006. *Space as "Public Relations"? Urban Morphology and Ethnic Identity in Maca*. Volume 194. IASTE Working Paper Series, University of California Berkeley.

- 33\_ MOORE, Charles. 1978. *Dimensiones de la Arquitectura, Espacio, Forma y Escala*. Edição Gustavo Gili.
- 34\_ 1982. *Cuerpo, Memoria y Arquitectura*. Editorial Blume.
- 35\_ MOORE, Thomas. 1992. *O sentido da alma*. Lisboa. Planeta Editora.
- 36\_ NAVARRO, Alexandra Guida. 2007. *Sobre el concepto de espacio*. São Paulo. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. Retirado do link: [http://issuu.com/jonvoyeur/docs/3-21\\_a\\_10-03-2011](http://issuu.com/jonvoyeur/docs/3-21_a_10-03-2011).
- 37\_ NORBERG-SCHULZ, Christian. 1965. *Intentions in Architecture*. Cambridge. MIT Press.
- 38\_ 1974. *Meaning in Western architecture*. Nova Iorque. Rizzoli.
- 39\_ 1971. *Existence, Space & Architecture*. London. Praeger publishers, 2ª edição.
- 40\_ 1980. *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*. Nova Iorque. Rizzoli.
- 41\_ OSTROWER, Fayga. 1983. *Universos da arte*. Rio de Janeiro. Editora Campus. 2ª edição.
- 42\_ PALLASMAA, Juhani. 2006. *Los ojos de la piel. La arquitectura y los sentidos*. Barcelona. Editora Gustavo Gili.
- 43\_ PARKER PEARSON, M.; RICHARD, C. 1994. *Architecture and order: approaches to social space*. London. Routledge.
- 44\_ PIAGET, Jean. 1970. *A Construção do Real na Criança*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro. Zahar.
- 45\_ 1970. *O Nascimento da Inteligência na Criança*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar.
- 46\_ PIAGET, Jean ; INHELDER, Bärbel. 1993. *La representation de l'espace chez l'enfant*. Trad. Bernardina M.De Albuquerque. Porto Alegre: Artes Médicas.
- 47\_ POINCARÉ, Jules Henri. 1995. *O valor da ciência*. Rio de Janeiro. Tradução Maria Helena Martins. Contraponto.
- 48\_ 1988. *A ciência e a hipótese*. Brasília. Edições UnB.

- 49\_ RASMUSSEN, Teen Biler. 1959. *Experiencing Architecture*. Cambridge. MIT Press.
- 50\_ ROA, Alberto Saldarriaga. 2006. *La arquitectura como experiencia: espacio, cuerpo y sensibilidad*. Editores Villegas.
- 51\_ ROSSIGNOL, J.; WARDSNIDER, L. 1992. *Space, time and archaeological landscapes*. Nova Iorque. Plenum Press.
- 52\_ SANTIAGO, Miguel. 2007. *Pancho Guedes – Metamorfoses Espaciais*. Casal de Cambra. Caleidoscópio.
- 53\_ SHARR, Adam. 2007. *Heidegger for architects*. Nova Iorque. Routledge.
- 54\_ SUÁREZ, Isidro. 1986. *La refutación del espacio como sustancia de la arquitectura*. Santiago de Chile. Editora Escuela de Arquitectura de la Pontificia Universidad Católica de Chile, Documento de Extensión Nº1
- 55\_ TÁVORA, Fernando. 1982. *Da organização do espaço*. Com prefácio de Nuno Portas. 1ª edição em 1962. Porto. Edições do Curso de Arquitectura de ESBAP. 2ª edição.
- 56\_ TEDESCHI, Enrico. 1972. *Teoría de la Arquitectura*. Nueva Visión.
- 57\_ THUILLER, Pierre. 1994. *De Arquimedes a Einstein: a face oculta da invenção científica*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar.
- 58\_ VENTURI, Robert. 1967. *Complexity and contradiction in Architecture*. Nova Iorque. Museum of Modern Art.
- 59\_ VIDLER, Anthony. 1992. *The architectural uncanny: essay in the modern unhomely*. Cambridge. MIT press.
- 60\_ VIRILIO, Paul. 2005. *O Espaço Crítico e as perspectivas do tempo real*. Rio de Janeiro. Edição. 34.
- 61\_ VIOLA, Bill. 1995. *Reasons for knocking at an Empty House. Writings 1973-1994*. Thames & Hudson
- 62\_ WALTER KRUF, Hanno. 1990. *Historia de la Teoría de la Arquitectura*. Alianza Editorial.
- 63\_ WÖLFFLIN, Heinrich. 1984. *Conceitos fundamentais da história da arte*. São Paulo. Tradução João Azenha Jr. Martins Fontes.

64\_ ZEVI, Bruno. 1959. *Architecture and space*. Translate by M. Gendel. Nova Iorque. Horizon Press.

65\_ 1979. *Saber Ver la Arquitectura*. Poseidón.

66\_ ZUCKER, Paul. 1959. *Town and square*. London. Oxford University-press.

## 2\_ Web sites:

Vídeo Manifesto: a call for dwelling by Leaving Amsterdam e vídeo Labyrinthhouse  
Fonte do vídeo [http://wn.com/Christian\\_Norberg-Schulz](http://wn.com/Christian_Norberg-Schulz) consultada durante o mês de Maio e Junho de 2011.

Revista online vitruvius, com o tema . Fonte da revista em <http://vitruvius.es/revistas/read/drops/10.029/1810>

<http://ip-72-167-142-143.ip.secureserver.net/preview.php?url=687474703a2f2f777772e6c756d6561727175697465747572612e636f6d2e62722f7064662f656432322f65645f32325f506f6e746f2e706466&fname=4c757a2c2020457370612663636564696c3b6f20206520466f726d61&country=pt&filetype=pdf> texto publicado sobre o tema.

<http://pdfsuche.info/view/aHR0cDovL2V0ZC5saWlubWV0dS5lZHUudHlvdXBsb2FkLzEyNjA5OTM0L2luZGV4LnBkZg==> tese publicada online sobre o tema.

[http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs\\_revista\\_9/9\\_Lineu%20Castello.pdf](http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_9/9_Lineu%20Castello.pdf) O lugar geneticamente modificado, ARQtexto

## Abreviaturas

*apud* – citação de citação

*e.g.*- por exemplo

*idem* – do mesmo autor.

*Ibidem* - no mesmo lugar.

Pg- página

## Notas

---

<sup>i</sup> Os estudos deste tema nesta área da arquitectura são frequentes não param de aumentar, aparecendo, anualmente, artigos de revistas ([www.vitruvius.com.br](http://www.vitruvius.com.br); Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia) teses e dissertações de mestrado (Evaldo Coutinho, *O espaço da arquitectura*; Francisco Varela do Vale, *Da arquitectura do sonho alheio*, prova final para licenciatura em Arquitectura, FAUP 2006/2007; Maria Cristina Villefort Teixeira, *Espaço projectado e espaço vivido na habitação social: os conjuntos Goiânia e Araguaia em Belo Horizonte*, Tese apresentada ao curso de doutoramento do programa de pós-graduação em planeamento urbano e regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004) que apontem para a importância deste conhecimento. No entanto, a maioria dos livros referenciados aponta para a década de 70 e 80, altura do considerado boom na literatura filosófica relacionada com o ser (Henri Lefebvre 1974. *The production of space*; Kevin Lynch. 1982. *A imagem da Cidade*; Fernando Távora, *Da organização do espaço*). Estes livros, entre outros, destacam a importância do espaço e a sua componente existencialista - Sócrates repetia o aforismo inscrito no frontão do Templo de Apolo em Delfos *gnothi seauton (conhece-te a ti mesmo)*, fazendo-o numa tentativa de não repetir erros anteriores, no que toca ao desrespeito da essência do ser humano. Talvez estes livros, um fruto com raízes de um pós-guerra, sejam a resposta necessária para o conhecimento e continuidade respeitosa do ser Humano.

<sup>ii</sup> Francastel defendeu ainda que a linguagem das imagens é ainda insuficientemente estudada, e que esta serve de base ao estudo das condições de figuração plástica do espaço. Avanços em áreas como a perspectiva e a anatomia (entre outros) são auxiliares para esse estudo. A perspectiva é referente ao processo matemático de obtenção de profundidade e na escala quanto às dimensões dos objectos e da distância entre eles, e uma forma lógica. Todos os tipos de perspectiva são o resultado do esforço do homem no sentido de compreender e representar o espaço e os objectos que o povoam em cada época em função dos hábitos sociais, científicos, económicos e políticos. Embora

---

ainda com o espírito de imitar a natureza, através da perspectiva está o processo de matematização da natureza pela ciência, a qual concretiza-se a partir do século XVI, talvez em decorrência do aprimoramento da linguagem matemática (algébrica). Essas mudanças não aconteceram repentinamente no Renascimento; elas deram-se como resultado de descobertas e invenções que vinham ocorrendo já na Idade Média e que já ocorriam entre os gregos, com base nos tratados sobre óptica de Euclides e de Ptolomeu. Um dos pintores que contribuiu significativamente para a nova concepção do espaço foi Giotto (1267-1337) que, em suas pinturas, sem usar ainda a perspectiva renascentista, promoveu a ideia de profundidade através das linhas de direcção do olhar de suas personagens.

<sup>iii</sup> Embora como corrente dominante durante as primeiras décadas do século XX, não se deve ficar com a ideia que foi a única resposta crítica frente ao funcionamento ortodoxo já que houve outra, também aqui abordadas. Durante ainda os anos 30, e perante a ideologia fascista, comunista, e o desenvolvimento capitalista, por uma perspectiva marxista heterodoxa houve respostas neste sentido. Uma das mais importantes Frentes foi a escola crítica de Frankfurt com pensadores como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Jurge Habermas e em particular Walter Benjamin quem introduziria uma lúcida crítica Marxista, menos sistemática que a dos seus colegas, mas, não obstante, profundamente completa e consciente.

O funcionalismo ortodoxo devido às críticas existentes desde o início do movimento moderno não teve uma origem muito nítida, pelo que não houve a criação de grandes raízes na disciplina arquitectónica até os anos 50.

No início do século XX vivia-se um clima geral de descontentamento e desconfiança pelos valores da sociedade capitalista. Os discursos dominantes eram representados pela historiografia oficial do movimento moderno e, estavam impregnados de um positivismo cego, que tinha a sua herança ideológica mais próxima nos avanços da tecnologia e nos princípios futuristas.

Com o pós-guerra o desencanto deixou marcas ainda mais fortes e irreversíveis numa desconfiança generalizada na capacidade dos procedimentos científicos, racionais

---

e tecnicados da sociedade industrial conferindo numa liberdade plena do ser humano. Juntavam os progressos quantitativos, as visões utópicas, redentoras ou totalitárias e todas as teorias em geral a uma perda de fé por se achar que conduziam ao terrorismo estadual, quer estivessem ligadas ao fascismo, ou ao comunismo.

Não há motivo para atribuir aos impulsos revolucionários, totalitários ou utópicos, uma vontade de pensamento com mira ao terror.

A perda da fé nos grandes projectos ideológica e unitários da sociedade, da política, da arte e da arquitectura aconteceu inicialmente sobre a alçada do pensamento existencialista associada a pensadores como Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger, os quais estavam ligados a movimentos extremistas.

<sup>iv</sup> Com Francastel há o aparecimento de uma espécie de um novo humanismo, e à semelhança do Renascimento, temos os artistas como precursores da ciência. A partir do Impressionismo, salientaram nas suas obras o mundo interior e a subjectividade na nova visão da natureza.

<sup>v</sup> Até os seis meses de idade, aproximadamente, a criança não tem consciência do espaço e não se situa nele. Até aí o espaço é o resultado de acções táctil, visual, bucal e auditiva da criança. Espaço prático é como esta fase é reconhecida, e um dos elementos constituintes daquele que Piaget denominou espaço sensorio-motor.

<sup>vi</sup> . Como e.g. o espaço visual não é homogéneo já que os pontos da retina não têm o mesmo papel. A imagem formada nesse espaço também não é infinita pois se apresenta num quadro limitado e apresenta-se em duas dimensões (x,y), sendo que a terceira seria revelada pela convergência dos olhos ou por um esforço de acomodação. O que representamos então são as impressões que os objectos produzem em nossos sentidos e não os objectos.

<sup>vii</sup> Algo que acontece com o exemplo dado por Thomas Moore no livro *O sentido da alma* (pg. 226-229), em que Jung decide construir uma torre a qual fará como mortal, para se

---

relacionar com o divino, o passado, presente e futuro, isto por uma necessidade humana, um tanto ou quanto existencialista. Como também Fernando Távora referiu ao longo do seu livro *Da organização do espaço*.